

MESTRADO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

LAZER E APOSENTADORIA:
RELAÇÕES E SIGNIFICADOS

KÁTIA CRISTINA CALEGARI

1997



UNIDADE	BC		
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP		
	C128L		
V.	Es.		
TOMBO BC/	43487		
PROC.	16-278100		
C	<input type="checkbox"/>	D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00		
DATA	13/12/00		
N.º CPD			

CM-00153963-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA- FEF - UNICAMP

C128L Calegari, Kátia Cristina
Lazer e aposentadoria: relações e significados / Kátia Cristina Calegari. --
Campinas, SP : [s. n.], 1997.

Orientador: Heloisa Turini Bruhns
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação Física.

1. Lazer. 2. Aposentadoria. 3. Velhice. I. Bruhns, Heloisa Turini.
II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.
III. Título.

MESTRADO

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

**LAZER E APOSENTADORIA:
RELAÇÕES E SIGNIFICADOS**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Kátia Cristina Calegari e aprovada pela Comissão Julgadora em 18/06/97.

Data: 18/06/97

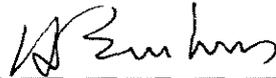
Assinatura: _____



4.28870002

MESTRADO
Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física
Campinas – 1997

COMISSÃO JULGADORA:



Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Turiini Bruhns



Prof. Dr. Paulo de Salles Oliveira



Profa. Dra. Guita Grin Debert

AGRADECIMENTOS

"Tecendo a manhã"

*Um galo sozinho não tece uma manhã
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito e que o lance à outro;
de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes
e o lance à outro;
e de outros galos que com muitos outros galos
se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma tênue teia,
se vá tecendo, entre todos os galos"*

(J.C. de Melo Neto)

Agradeço às pessoas que, com seus gritos,
ajudaram-me a tecer os fios desta grande teia
chamada Mestrado e que com certeza,
estarão no meu coração a cada amanhecer.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A um aposentado muito especial -
Giusepe, meu pai; e à uma mulher incrível -
Maria, minha mãe, que já estão envelhecendo...
ensinando e apoiando os acontecimentos da sua
"rapa do tacho", fazendo-a entender que
às vezes é preciso a distância
para perceber a força da união.

Ao João, que apareceu quando esta
"teia" já havia começado,
conseguindo preencher seus interstícios com
muito amor e carinho.

ÍNDICE

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	001
Compartilhando a trilha	001
Os velhos aposentados... quem são?	008
I - VELHICE E APOSENTADORIA	020
Sobre velhice e aposentadoria	021
Sobre a velhice dos aposentados	038
Tempos da vida, fases da vida: velhice	042
Aposentadoria: um novo tempo	053
II - A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS DE CAMPINAS E REGIÃO NO CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL	061
O contexto dos acontecimentos em torno do surgimen- to da Previdência Social no Brasil	061
A crise da Previdência Social no Brasil e o desencadeamento do Movimento dos Aposentados e Pensionistas	071
III - O ESPAÇO DA ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS DE CAMPINAS E REGIÃO: PROPOSTAS DE LAZER PARA OS IDOSOS APOSENTADOS	083
O lazer na Associação dos Aposentados de Campinas e Região: propostas	083
A "nova" diretoria e a preocupação com o lazer dos associados	101
O lazer na AACR: afinal, o que significa?	108
IV - A PARTICIPAÇÃO DOS APOSENTADOS NO LAZER: AÇÕES E SIGNIFICADOS	112
As viagens	119
AACR: espaço de lazer?	128
Demais dimensões do lazer do aposentado: fora do	

âmbito da AACR	130
Redefinindo o lazer na aposentadoria	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
Final da Trilha	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	151
ANEXO.....	156

RESUMO

Este estudo busca compreender a relação lazer e aposentadoria. Especificamente, procura perceber as concepções de velhice, aposentadoria e lazer de idosos aposentados, segundo suas próprias vivências.

A pesquisa teve caráter exploratório, valendo-se de investigação bibliográfica, documental e de relatos orais. Os sujeitos pesquisados foram idosos aposentados de ambos os sexos, dirigentes, funcionários e voluntários vinculados à Associação dos Aposentados de Campinas e Região (AACR). O trabalho foi estruturado na forma de "estudo de caso", buscando observar como se manifestam as questões do lazer no interior da Instituição.

O estudo revelou que a velhice não é uma identidade totalizante pois os sujeitos não se definem como idosos em todos os momentos de suas vidas. A entrada na aposentadoria, por sua vez, não significa uma grande transformação em termos de vivências no campo do lazer, ou seja, o lazer não é o norteador da vida dos aposentados. A pesquisa demonstrou que, mesmo em

condições financeiras nem sempre favoráveis, há escolhas na esfera do lazer. Na condição de aposentados, há algo para além da ocupação do "tempo desocupado" das atividades de trabalho, ou da "sensação de utilidade" em decorrência da "inutilidade". O grupo tem acesso ao mercado turístico da cidade negociado por meio da Instituição, praticam jogos de mesa, freqüentam teatros e cinemas, e usufruem de outros momentos de lazer vivenciados no cotidiano dos seus lares e no universo familiar.

A relação existente entre lazer e aposentadoria é mediada pelos **significados** inerentes à essas duas esferas da vida dos sujeitos.

ABSTRACT

This study seeks to comprehend the relation between leisure and retirement. It also searches retired people conceptions of oldness, retirement and leisure, by their own experiences.

The research had exploratory character, having recourse to bibliographical and documental investigation and oral reports. The researched subjects were retired people of both sexes, leaders, employees and volunteers linked to Campinas and Area Retired Association (Associação dos Aposentados de Campinas e Região). The work was structured in the form of "case study", looking for to observe how leisure is expressed in the institution.

The study revealed that oldness is not an identification, the subjects don't define themselves as old people everytime of their lives. Retirement doesn't means great changes about leisure time, leisure is not the pivot of their lives. The research demonstrated that, even in bad financial conditions, retired people have leisure choices. In the retired condition, there is

something besides the occupation of the "unoccupied time" of work activities, or of the "usefulness sensation" due to the "uselessness". The group has access to the tourist market of the city, practices games, visits theaters and movies, and usufructs another moments of leisure lived in the home day by day and in the family universe.

The relation between leisure and retirement is mediated by intrinsical meanings of these moments in subject lives.

INTRODUÇÃO

Compartilhando a trilha...

"Há segredos que se ocultam de teorias", diz Brandão¹. Existem momentos, durante a pesquisa, em que o pesquisador se depara com acontecimentos imprevistos, particularidades indescritíveis e até mesmo inaceitáveis à determinada metodologia. Teorias científicas em que o sujeito não é senão aquele que conhece enquanto que o objeto (o próprio homem) - desprovido de sua historicidade e de sua subjetividade - é aquele que é "conhecido".

Há segredos que ocorrem fora dos moldes técnicos apregoados pelos manuais de metodologia científica, os quais estabelecem formas rígidas de relacionamento (distanciamento) entre pesquisador e pesquisado.

Segredos muitas vezes, sem saber, compartilhados por outros pesquisadores na busca de novas formas de "fazer ciência".

Segredos que ficam marcados na mente e no coração do pesquisador: gestos, olhares, palavras, trocas e descobertas.

¹Carlos Rodrigues BRANDÃO, *Repensando a pesquisa participante*, p. 7.

Decidi, então, revelar alguns pequenos "segredos" deste trabalho. Este é um relato do caminho traçado por mim na realização desta pesquisa.

Caminho que começou a ser trilhado ainda como estudante de graduação, quando tive a oportunidade de trabalhar como estagiária por um período de aproximadamente três anos no Projeto de Extensão "Atividade Física e Recreativa para a Terceira Idade", desenvolvido pelo Departamento de Educação Física e Esportes da Universidade Federal de Uberlândia. Movida inicialmente por uma grande curiosidade e vontade de trabalhar com pessoas idosas, fui me envolvendo cada vez mais com o trabalho e com as atividades desenvolvidas. Mulheres idosas, aposentadas e pensionistas compunham a maior parte das pessoas participantes do projeto. Alguns relatos e discussões sobre as condições sociais e econômicas nas quais essas pessoas se encontravam, a pouca participação em atividades de lazer constituíram-se no ponto de partida para as minhas primeiras inquietações a respeito da temática velhice e aposentadoria vinculadas à questão do lazer.

Wright Mills² afirma que vida e trabalho, como pesquisador são momentos indissociáveis. Inspirada neste autor, sou levada a indagar e refletir sobre o meu "objeto" de estudo, verificando a intimidade dessa relação e o porquê da escolha. Percebi que há uma mescla

²C. WRIGHT MILLS, *Do artesanato intelectual*, p. 211.

entre as esferas acadêmica, profissional e pessoal da minha vida e dessa forma os temas sociais da velhice e da aposentadoria ligados ao lazer interpenetram-se nessas esferas de maneira íntima, e porque não dizer até cotidianamente.

Minhas preocupações iniciais direcionaram-se então aos velhos aposentados. Estes, que após um longo período de suas vidas dedicado ao trabalho, esperam ver cumprida a "promessa" de um descanso remunerado, no qual esperam realizar sonhos e desfrutar prazerosamente esse novo tempo. Até que ponto esses objetivos são realizados uma vez que as condições de vida da maioria dos velhos aposentados não permitem esses feitos? Cerca de 72% dos aposentados no Brasil recebem da Previdência Social apenas 01 salário mínimo³... Como assinala Magalhães, é um mito pensar a aposentadoria

"... como início de uma época onde o indivíduo vai dispor livremente de sua vida e usufruir os bens e serviços que a natureza e a sociedade lhe oferece..."⁴

Como fica o lazer em meio a tudo isso? Como fica o lazer do velho aposentado? Questões que instigavam-me e guiaram-me ao Curso de Pós-graduação em Estudos do Lazer

³MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL, *Carta do MPAS*.

⁴MAGALHÃES, Dirceu Nogueira, *A invenção social da velhice*, p. 37.

da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

A primeira preocupação foi identificar quais aposentados seriam os sujeitos dessa investigação.

Optei por investigar um espaço que é fruto da organização político-social dos aposentados. Um espaço onde supostamente se discutem as condições de vida, as injustiças dos benefícios, onde se travam as lutas sobre a melhoria da situação dos aposentados. Encontrei a Associação dos Aposentados de Campinas e Região (AACR) com uma estrutura aparentemente bem organizada e ainda oferecendo atividades de lazer aos seus associados. Percebi que esse universo - a AACR e seus associados - poderiam compor uma realidade específica a ser investigada na busca de elementos para as minhas questões.

Estabeleci um contato muito amistoso com a AACR como um todo. Na primeira visita à instituição, conheci Roseli (assistente social), prontificando-se a ajudar fornecendo todos os dados que fossem necessários e convidando-me a participar do I Curso de Pré-aposentadoria que seria realizado dentro de poucos dias; e Sr. Duílio, o então presidente, recebendo-me disposto a responder minhas perguntas, e ainda mais, como dizia: *"Vamos trocar informações. Acho que temos muito o que aprender um com o outro"*.

O projeto de pesquisa foi então estruturado com o objetivo principal de compreender a relação entre lazer e aposentadoria. Mais especificamente, buscar a concepção de velhice, aposentadoria e lazer dos idosos aposentados vinculados à AACR. Era necessário ainda investigar como estava manifestada a questão do lazer no interior da instituição e de que forma ocorre a participação dos associados nas atividades propostas pela associação.

Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória, envolvendo investigação bibliográfica, documental e estudo de caso.

Esta pesquisa não teve a preocupação em delimitar idade mínima. O interesse esteve em saber se os sujeitos eram ou não aposentados. Foram entrevistados nove aposentados com idades entre 64 e 77 anos, sendo cinco mulheres e quatro homens. Embora o número de mulheres entrevistadas tenha sido maior, foi mais difícil encontrar mulheres aposentadas nos passeios ou mesmo na sede da Associação. A grande maioria presente nos eventos era composta por mulheres pensionistas. No entanto, percebi uma maior disponibilidade por parte delas em conceder entrevistas.

Algumas entrevistas foram realizadas nas residências dos aposentados e outras ocorreram na sede da AACR, por opção dos mesmos. Deixava claro a minha disponibilidade em visitá-los, independente da localização das

residências. As falas dos sujeitos foram registradas através de um gravador (com o conhecimento dos entrevistados) e transcritas na íntegra, respeitando a forma como foram emitidas. Os entrevistados foram avisados que suas identidades seriam preservadas, havendo mudança dos nomes na redação final do texto.

Além das falas dos aposentados, tornou-se necessário ouvir alguns dirigentes, funcionários e voluntários da AACR, e ainda investiguei documentos produzidos no interior da instituição (estatutos, boletins e informativos). Realizei constantes visitas à AACR para conversar com os funcionários e inteirar-me a respeito das questões estudadas, sobre a instituição e os aposentados. Muitas foram as vezes em que estava sentada junto aos aposentados esperando para conversar com algum funcionário ou com o sr. Duílio quando aproximava-se algum aposentado para conversar, alguns até meio curiosos em saber o que eu estava fazendo por ali e desencadeava-se um agradável "bate-papo". Contavam-me sobre a vida de aposentado (ou pensionista), a velhice, e outros assuntos mais.

Wright Mills, ao relatar suas experiências, inclui junto ao seu material de pesquisa: 1) pessoas que estão entre as que se deseja estudar, 2) pessoas em íntimo contato com elas, e 3) pessoas interessadas nelas, habitualmente de modo profissional⁵. Isso levou-me a

⁵C. Wright MILLS, *op. cit.*, p. 217.

refletir sobre o universo abrangente que compõe os sujeitos da pesquisa. Dessa forma, durante as visitas realizadas à AACR, estive aberta a esses contatos e "bate-papos" com voluntários e associados na busca de compreender algo mais, captar elementos para uma melhor compreensão daquilo que estava investigando.

Particpei de três viagens oferecidas pelo departamento de turismo no intuito de observar as atividades, atitudes e travar contatos mais próximos com os aposentados. Não realizei entrevistas durante as viagens. Somente depois de estabelecido um contato é que seriam realizadas as entrevistas. De acordo com Ecléa Bosi, não basta apenas a simpatia - sentimento fácil segundo a autora - pelo objeto da pesquisa⁶. É necessário a formação de um vínculo de amizade e confiança com os sujeitos. Aproximava-me dos aposentados para conversar e não raro perguntavam-me se eu era filha ou neta de alguém. Apresentava-me como estudante de pós-graduação da UNICAMP interessada em assuntos de lazer e aposentadoria. Certa vez, um senhor riu dizendo-me que não havia o que estudar, "*lazer de velho é uma miséria!*". Outros interessavam-se imediatamente no assunto e já começavam a contar sobre as atividades prediletas ou as dificuldades da aposentadoria e de vivenciar o lazer em suas vidas. Na ocasião da viagem a Pocinhos do Rio Verde (MG), quando no caminho paramos

⁶Ecléa BOSI, *Memória e sociedade*, p. 2.

para um café, uma senhora aproximou-se de mim, perguntando em tom de brincadeira: "Você não é aposentada, não é mesmo?". Começamos a conversar e ela contou-me que frequenta a Universidade para a 3ª idade e apresentou-me seu marido aposentado, sr. Caetano, dizendo que só daria entrevista se fosse sair no "Fantástico", pois o fato já havia ocorrido em uma reportagem do mesmo programa sobre idosos e atividade física. Sr. Caetano se prontificou e insistiu em conceder-me imediatamente a entrevista, porém deixei claro que gostaria que esta se realizasse após a viagem. Alguns dias depois, telefonei para o casal a fim de estabelecer um horário para a realização da entrevista, e a esposa tristemente comunicou-me o falecimento súbito do sr. Caetano. Em lágrimas, dizia-me: "ele falou que poderia ser entrevistado durante a viagem... Que pena! Você não pôde saber o que queria".

Os velhos aposentados... quem são?

Nesse momento, apresento os sujeitos da pesquisa, a forma como os conheci e algumas particularidades da realização das entrevistas.

Conheci dona Ângela na viagem à Pocinhos do Rio Verde. No hotel, ficava sempre na sala de TV, onde tivemos o nosso primeiro contato mais próximo. No dia seguinte, perguntei se era aposentada e se gostaria de

participar de uma pesquisa que eu estava realizando. Ela se dispôs a participar imediatamente, fornecendo-me endereço e telefone para contato.

Dona Ângela tem 77 anos de idade e trabalhou como funcionária pública, sendo escriturária no Serviço Social de Menores. É viúva e recebe 2,5 salários-mínimos de aposentadoria, sendo também pensionista. Relata que se não fosse a pensão recebida devido ao falecimento do marido, não seria capaz de pagar as contas como condomínio e telefone. Mora sozinha no centro de Campinas, em residência própria.

Após a entrevista, realizada no seu apartamento, dona Ângela relatou o fato de não ter filhos, a falta do marido e a solidão que sente. Gosta muito de assistir televisão, *"à noite, a televisão é a minha companheira"*. Ao se levantar, liga o rádio, pois o considera ser também um companheiro; gosta de ler jornais e manter-se informada sobre as notícias. A respeito de suas viagens, guarda o dinheiro da aposentadoria para poder viajar em excursões. Prefere viajar com pessoas conhecidas, lamentando a falta de algumas amigas já falecidas. Contou-me das viagens realizadas na companhia do marido, detendo-se na viagem à Terra Santa. Seu apartamento é simples, e fotos do marido encontram-se espalhadas por toda a sala. Após o "bate-papo", fui gentilmente convidada a tomar um café com biscoitos, ocorrendo no mesmo local da entrevista: a sala.

Em Pocinhos do Rio Verde conheci sr. Romero e sua esposa. Na viagem à Aparecida do Norte encontrei-os novamente, quando estabelecemos um contato maior, e conversamos sobre a possibilidade dele em conceder-me uma entrevista sobre lazer e aposentadoria. Concordou e deu-me o número do telefone, declarando: "*eu fico muito contente da senhora não esquecer da gente*". Preferiu realizar a entrevista na sede da AACR, em companhia de sua esposa.

Sr. Romero tem 64 anos, trabalhou na Cia. Antártica e posteriormente como ferroviário na FEPASA, aposentando-se por tempo de serviço. Após a entrevista, conversamos rapidamente sobre as viagens e as festas que sr. Romero gostava de participar com os antigos companheiros de trabalho.

Ainda em Pocinhos pude conhecer dona Bianca e seu marido. Estavam viajando com a filha, o genro e os netos. Na volta conversamos bastante sobre a cidade visitada; não pude compreender bem o que dizia seu marido - um senhor argentino, e dona Bianca se colocava às vezes como interlocutora dele, dizendo estar bem acostumada com o forte sotaque latino.

Dona Bianca tem 68 anos e sempre foi auxiliar de enfermagem. Aposentou-se por tempo de serviço na expectativa de dedicar-se mais à sua filha. A entrevista ocorreu em sua residência, sendo interrompida várias vezes pelo neto que necessitava constante atenção, até

que a filha chegou e pôde tomar conta dele. Dona Bianca ainda mostrou-me várias fotos de sua filha e seus netos, considerando-os as maiores preciosidades da sua vida.

Numa das visitas à AACR, encontrei sr. João esperando pelo atendimento da advogada. Enquanto isso conversamos um pouco e marcamos entrevista dentro de alguns dias na própria Associação. Segundo ele, sua casa era muito distante e como precisaria voltar à AACR, seria mais fácil. No dia marcado, o gravador apresentou problemas impedindo a gravação. No entanto, tal fato possibilitou maior contato com o aposentado, desencadeando uma agradável conversa.

Marcada nova entrevista, sr. João, 64 anos, contou-me sobre seu trabalho no campo e das dificuldades enfrentadas na cidade. *"Lá na roça eu sabia fazer alguma coisa. Mas chegando aqui na cidade grande, eu já estava com 44 anos quando eu vim prá cá. Bastante idade, sem profissão, sem leitura. Então foi, ficou bastante difícil prá mim aqui"*. Trabalhou como vigia noturno e aposentou-se por invalidez devido à múltiplas patologias (hérnia, chagas e reumatismo). Diante dessa situação, declara: *"é isso a vida da gente... Eu levanto cedo, ponho a mão no coração; está batendo, então eu falo: então hoje não tem perigo! Então tenho mais um dia de vida"*.

O contato com dona Rosalina também foi realizado na AACR, no dia em que foi pagar a mensalidade. Ela sugeriu

realizar a entrevista na sede da Associação alguns dias depois, quando teria de entrar em contato com o Departamento Jurídico.

Divorciada e com 66 anos, dona Rosalina sempre trabalhou em telecomunicações. Contou-me ter começado a trabalhar com 14 anos e desde então *"trabalhava pensando na aposentadoria"*. Ao final da entrevista, quando perguntei se haveria mais alguma coisa a comentar, a aposentada declarou em tom de desabafo: *"Eu gostaria que, claro, melhorasse a vida dos aposentados. Mas ao mesmo tempo, eu entendo que em termos de Brasil, talvez seja, bom, um pouquinho de boa vontade, eles podiam melhorar, né? Os governantes podiam melhorar mais. Mas entendo que em termos de Brasil, no momento é o que eles estão podendo oferecer. Não porque eles não possam, mas porque o negócio vem muito mal feito de desde muito tempo, muita corrupção(...). Pro INSS, quanto mais velhos morrerem, melhor, né. Então eu gostaria que eles tivessem consciência cada um do seu dever, do seu trabalho. Houvesse menos corrupção, porque aí sobraria muito dinheiro, né? Não só pro aposentado, como para saúde, educação, não é verdade?"*.

Conheci sr. Francisco no passeio de barco em Barra Bonita no momento em que presenciávamos o funcionamento da Eclusa, no rio Tietê. Aproximou-se de mim mostrando-me as garças que apareciam para *"almoçar"* os peixes que ficavam presos nos portões. Na volta, conversamos sobre

a possibilidade da entrevista e sr. Francisco solicitou que eu o procurasse na casa de produtos veterinários para a qual prestava serviços. A entrevista ocorreu nos fundos desse estabelecimento, em horário de funcionamento comercial.

Sr. Francisco tem 73 anos e trabalhou como técnico veterinário, numa época em que não existia faculdades de medicina veterinária, segundo ele. Contou-me sobre sua experiência como tropeiro, viajando a cavalo pelo Brasil na década de 30. Ao ouvir minha primeira pergunta sobre sua vida como aposentado, não conteve suas lágrimas, balbuciando: "*A realidade? Estou me vendo arrasado! Arrasado! Porque já fui acidentado duas vezes, tive um infarte e não estou podendo trabalhar*". Após a entrevista, sr Francisco contou-me sobre os seus métodos de trabalho, a paixão pelos cheiros do campo e inseticidas eficazes contra intrusas baratas!

Em Barra Bonita também conheci sr. Carlos e sua esposa. Curiosos por saber o que eu escrevia no meu diário de anotações (o famoso caderninho verde), desencadeamos um "bate-papo" durante boa parte da viagem. Acertamos os detalhes da entrevista, ocorrendo dias depois em sua residência.

Aos 72 anos, sr. Carlos é Tenente da reserva do Exército. Orgulhosamente, discorreu sobre sua experiência na 2ª Guerra na ilha de Fernando de Noronha. "*São os causos da guerra, minha filha*". Com os olhos

molhados, mostrou-me seu certificado do Encontro dos Ex-combatentes da Guerra.

Ao final da visita, sr. Carlos percebeu que eu não havia ainda comido o pedaço de bolo de chocolate gentilmente oferecido pela sua esposa, e em tom de brincadeira, comentou: "*Ela não comeu o bolo, Rosa. Ela não quer engordar*".

O nome de dona Ana Maria foi uma sugestão da secretária da AACR, por ser associada à mais tempo. O primeiro contato foi feito através de um telefonema, quando expliquei a ela sobre a pesquisa e a possibilidade da entrevista. A aposentada concordou e marcou o encontro em sua própria residência no dia seguinte. Encontrei-a com o pé enfaixado devido à uma queda, justificando logo no início da entrevista: "*eu sou meio afobadinha, eu esqueço a idade que tenho, eu sou meio afobadinha, então eu levo tombo, me quebro toda(risos)*".

Dona Ana Maria está com 68 anos, trabalhou com retocadora de fotografias. "*Hoje fotografia é completamente diferente do que era no meu tempo, né, hoje se eu entrar dentro de um foto eu já não sei mais trabalhar e nem entendo mais nada, porque é tudo moderno.(...) a gente corria tudo à mão*". Solteira, considera ter como "missão" cuidar de sua mãe doente. Após a entrevista, falou da cidade de Campinas na época de sua juventude, as festas e como se divertia.

"Campinas era tão tranquila que voltávamos descalços para casa sem medo, depois do baile".

Conheci dona Janice na AACR, também na fila de espera do Departamento Jurídico. Era manhã, naquele dia ela não havia ido trabalhar. Colocou-se à disposição para a entrevista desde que fosse realizada naquele mesmo dia, no final da tarde, em sua residência.

Dona Janice é viúva, trabalhou como doméstica desde os oito anos e aos 71 continua trabalhando como babá para poder se manter. Mostrou-me todos os cômodos da casa construída com o marido durante sete anos *"com muito sacrifício"*. Com muito orgulho, levou-me ao quintal onde exibiu suas lindas plantas e as bananeiras carregadas - não me furtei de aceitar um vistoso cacho de bananas e um pote de bananada feito ainda naquele dia.

Com extrema humildade, declarou ao final da entrevista: *"Se você achar que serviu... se ficou alguma coisa errada, você desculpa. Desculpa, porque você veio falar com uma pessoa sem cultura nenhuma! Ah, é a cultura da vida, bem. Da vida, do sofrimento que já passei!"*.

Após a realização das entrevistas, procurei manter contato com os sujeitos, através de telefonemas e eventuais visitas. Fui carinhosamente atendida e sempre perguntavam sobre a pesquisa e se as entrevistas tinham *"valido para alguma coisa"*.

Na condição de pesquisadora, procurei estabelecer uma proximidade em relação aos sujeitos dessa pesquisa de forma a poder perceber as nuances, os movimentos, o desenvolvimento dessa relação. Na realização das entrevistas, tentei ocupar a posição de ouvinte, a fim de compreender os relatos revelados pelos sujeitos. Procurei perceber como me comporto em relação aos sujeitos: o meu movimento, as minhas mudanças no tocante às questões sobre aposentadoria, velhice, e o lazer dos velhos aposentados. Esta realidade não está estática, não é imutável, pelo contrário, se mostra a cada momento modificada. A cada visita realizada à AACR, me deparei com algo novo, diferente, imprevisto, me fazendo pensar que devo estar em constante acompanhamento dos acontecimentos para poder compreender a proposta da pesquisa. Não somente perceber os fatos, mas buscar as contradições neles existentes, o que não se manifesta na aparência dos acontecimentos.

Inspirei-me em Ecléa Bosi, em sua obra "Memória e Sociedade", na busca de uma relação entre sujeito e objeto onde não há sobreposição de um sobre o outro, mas sim uma mútua interferência resultando em transformação de ambas as partes. A autora revela relacionando-se à pesquisa realizada com os idosos:

**"nesta pesquisa fomos ao mesmo
tempo sujeito e objeto. Sujeito
enquanto indagávamos,**

procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças"⁷.

Muitas vezes, durante ou após as entrevistas, os aposentados perguntavam-me sobre aposentadoria e lazer. Alguns solicitavam que desligasse o gravador para que pudessem relatar sobre as condições de suas vidas e alguns chegaram a apelar por alguma atitude minha em intervir junto às autoridades para melhorar a aposentadoria.

Ouvir os sujeitos não foi tarefa fácil na medida em que eu deveria calar-me e adormecer momentaneamente minha ansiedade em perguntar, e o desejo em obter deles o máximo de informações e detalhes acerca do tema proposto. Foi um aprendizado ocorrido durante todo o processo das entrevistas.

Ao final e durante o desenvolvimento da pesquisa, pude me perceber em constante recriação enquanto sujeito-pesquisador. Transformações de atitudes, de pontos de vista, e principalmente de valores referentes ao tema investigado.

⁷Ecléa BOSI, *op. cit.*, p.2.

Este trabalho está estruturado em quatro momentos, entendidos como melhor forma de apresentar o texto de acordo com os objetivos da pesquisa.

O primeiro capítulo trata do tema aposentadoria ligado a um contexto mais amplo: a velhice. Este tema é enfocado a partir do pressuposto de que não há um único modo de se vivenciar essa fase da vida, como muitas vezes é preconizado ao ser relacionada a um período de perdas e repleto de conotações negativas. Da mesma forma a aposentadoria enquanto fase de vida não possui a mesma representação aos sujeitos aposentados.

O segundo capítulo traz à tona a discussão da aposentadoria enquanto um direito do trabalhador para receber um provento mensal após o desligamento das atividades do trabalho. Dessa forma foi necessário um estudo da criação da previdência social no Brasil, buscando elementos para o entendimento do surgimento de um movimento de aposentados e pensionistas com envergadura nacional, destacando aí a Associação dos Aposentados de Campinas e Região.

O capítulo seguinte evidencia a questão do lazer presente dentro da AACR. Através de propostas de lazer da instituição realizadas por intermédio de seus departamentos, busco compreender como se manifesta essa questão no interior da Associação. Assim, apresento os objetivos e significados do lazer "oferecido" pela

instituição aos seus associados, bem como as contradições existentes no seu discurso.

O quarto capítulo apresenta as formas de participação dos aposentados associados no lazer "oferecido" pela AACR bem como no lazer desvinculado da instituição. Busco compreender através dos significados do lazer na vida dos sujeitos expressos em seus depoimentos, as relações existentes entre **lazer** e **aposentadoria**.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

I - VELHICE E APOSENTADORIA*NOVO TEMPO*

Ivan Lins e Victor Martins

*No novo tempo
Apesar dos castigos
Estamos crescidos
Estamos atentos
Estamos mais vivos
Prá nos socorrer*

*No novo tempo
Apesar dos perigos
Da força mais bruta
Da noite que assusta
Estamos na luta
Prá sobreviver*

*Prá que nossa esperança
Seja mais que vingança
Seja sempre um caminho
Que se deixa de herança*

*No novo tempo
Apesar dos castigos
De toda fadiga
De toda injustiça
Estamos na briga
Prá nos socorrer*

*No novo tempo
Apesar dos perigos
De todos pecados
De todos enganos
Estamos marcados
Prá sobreviver*

*No novo tempo
Apesar dos castigos
Estamos em cena
Estamos na rua
Quebrando as algemas
Prá nos socorrer*

*No novo tempo
Apesar dos perigos
A gente se encontra
Cantando na praça
Fazendo pirraça
Prá sobreviver*

Sobre velhice e aposentadoria

A discussão do tema proposto por essa dissertação - lazer e aposentadoria - não poderia deixar de considerar um tema mais abrangente que é a velhice. Porém, não se trata de discutir quem é velho e quem não o é, delimitar a idade do início da velhice, ou ainda apresentar os diversos conceitos tecidos por vários autores sobre o tema. No entanto, entendo que a discussão da aposentadoria enquanto tempo ou fase da vida, ou enquanto provento encarregado da subsistência do trabalhador, após sua vida economicamente produtiva, não pode ser realizada dissociada da discussão da velhice.

Isso se justifica pelo fato da gênese da idéia de aposentadoria estar em íntima ligação com a imagem da velhice. O aposentado era aquele indivíduo que não produzia mais por já não se encontrar apto para tal. A degradação física em decorrência da exploração do trabalho⁸ associado ao próprio processo de envelhecimento não permitia ao trabalhador continuar a produção uma vez que aquele não poderia mais obedecer ao ritmo exigido pelo trabalho. Dessa forma, a velhice estava associada à invalidez e à incapacidade de produzir. Além disso, nas classes trabalhadoras, pensar na aposentadoria era também identificá-la com a pobreza. Aposentadoria e

⁸Ecléa BOSI, *Memória e sociedade*.

velhice se confundiam uma vez que a primeira, configurada inicialmente como um sistema de proteção aos trabalhadores incapacitados, deu uma identidade específica a estes: já estavam velhos.

Entretanto, percebe-se que essa identidade já não se faz presente de maneira efetiva na vida de uma parcela significativa de aposentados. A generalização dos sistemas de aposentadoria permitiu ao indivíduo entrar mais cedo no mercado de trabalho e conseqüentemente sair mais cedo, antes mesmo de se tornar "velho", conferindo assim um novo significado a essa fase da vida. O que ocorreu foi uma dissociação progressiva entre os significados da aposentadoria e da velhice; estar aposentado não significa necessariamente estar velho.

Proponho-me a falar um pouco sobre velhice, tentando compreendê-la no contexto mais amplo da realidade brasileira para poder chegar ao caso específico da AACR. Mas, uma primeira pergunta vem à tona nessa introdução: que velhice é essa que pretendo falar?

Antes, cabe elucidar Durhan alertando que

"devemos partir, por conseguinte, da constatação da existência, em nossa sociedade, de uma heterogeneidade cultural produzida por uma diferenciação das condições de existência que se prende à estrutura de classe e

resulta da reprodução de um modo de produção. Mas deve-se considerar também que essa diversidade está permeada, por sua vez, por distinções regionais associadas a peculiaridades de recursos naturais e as condições demográficas e históricas particulares que lhe dão conteúdos e formas específicas"⁹.

Aceitando esse pressuposto, entendo que o estudo da velhice deve levar em consideração que esta se caracteriza por ser um fenômeno social, cultural e histórico, devido à variabilidade das formas pelas quais o processo de envelhecimento é concebido e vivido. Debert assinala que

"as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos"¹⁰.

⁹ Eunice DURHAN, *A dinâmica cultural na sociedade moderna*, p.34.

¹⁰ Guíta Grin DEBERT, *Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice*, p. 8.

Aproximando-se dessa colocação, Beauvoir afirma que

"para compreender a realidade e a significação da velhice, é, portanto, indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos, em diferentes lugares" ¹¹.

Aceitando a variabilidade das formas de se vivenciar a velhice, não se pode então dizer que existe um modelo único de velhice numa sociedade diversificada como o Brasil e no caso particular dos idosos aposentados da AACR. Melhor seria falar de "velhices". Mesmo porque, ainda que inseridos em um contexto no qual determinadas características são vividas coletivamente, os sujeitos têm uma maneira própria e particular de conceber e vivenciar essa fase da vida. Nessa perspectiva, Guerrero sugere que

"...é preciso olhar com atenção não só para o envelhecimento e as diferenças de classe, mas também para a diversidade que pode existir num grupo que do ponto de vista da classe social poderia ser pensado como homogênea"¹².

¹¹Simone de BEAUVOIR, *op. cit.*, p. 48.

¹²Patrícia GUERRERO, *A universidade para a 3ª idade da PUCCAMP e a experiência de envelhecimento*, p. 14

Amplio essa afirmação para o caso dos sujeitos desta pesquisa. A condição de aposentado não torna o grupo homogêneo, nem mesmo o fato de estarem situados num mesmo segmento econômico-social¹³.

A pesquisa demonstrou que podemos vislumbrar duas formas de conceber a velhice no contexto brasileiro: uma que eu chamo de tradicional, na qual a velhice é vista como um momento de perdas, decrepitude e inutilidade, e a aposentadoria identifica-se com esse período recebendo os mesmos estereótipos; e uma visão mais contemporânea, em que a velhice torna-se uma fase de realizações, de atividade, e são negados os estereótipos negativos acima citados. A aposentadoria é dissociada da idéia da velhice, sendo frequentemente chamada de "a idade do lazer".

Vejamos mais detalhadamente essas duas perspectivas na tentativa de perceber como os sujeitos dessa pesquisa concebem a própria velhice e vivenciam a aposentadoria, isto é, como essas duas vertentes se combinam na prática dos sujeitos analisados.

Através dos tempos, a idéia de velhice esteve sempre relacionada com a decrepitude, a decadência do ser humano, ao inverso da vida, à estação do inverno e muitos outros "clichês", como diz Simone de Beauvoir. Em sua obra sobre a velhice, a autora descreveu as atitudes

¹³Os aposentados entrevistados recebem da Previdência Social entre 01 e 03 salários-mínimo (não incluindo a pensão no caso de viúvas).

das sociedades e as imagens forjadas por elas em relação aos velhos, no decorrer da história. Verificou-se que, nas sociedades ocidentais, a velhice foi (e continua sendo) ligada a uma imagem estereotipada. Em nossa sociedade, a velhice também tende a ser vista como um período dramático, sendo muitas vezes associada à pobreza e invalidez.

"Entre nós, a velhice tende a ser pensada como uma experiência de sofrimento por implicar a passagem indesejada de um mundo amplo e público para um mundo restrito e privado",

fala Debert¹⁴.

Ao velho impõe-se assim uma série de rótulos de caráter negativo (um deles relacionado com o presente estudo é o rótulo de improdutividade e decorrente inutilidade ligado à aposentadoria), tornando-se difícil desvencilhar-se dessa concepção e perceber outras imagens da velhice. Ao perguntar à dona Bianca o que ela entendia por velhice, esta respondeu em tom de tristeza: *"A maior decadência da vida do ser humano. Acho que a maior decadência da vida do homem é a velhice"*.

O estigma aos velhos aposentados ocorre de dupla forma: por serem velhos, degenerados fisicamente, distantes do ideal de juventude e beleza cultuados na

¹⁴**Guita Grin DEBERT, *Envelhecimento e representação da velhice.***

sociedade, e por estarem aposentados, sem produzir, sem colaborar com o sistema. Goffman menciona três tipos de estigma:

"em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família"¹⁵.

¹⁵Erving GOFFMAN, *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, p. 14 (grifos meus: as deformidades físicas, no caso do idoso, podem ser entendidas pelas características físicas visíveis que o envelhecimento traz aos indivíduos - rugas, cabelos brancos, pele manchada, etc.; a condição de desemprego amplia a compreensão dessa situação para o caso da aposentadoria, pois ambos supõem improdutividade).

Segundo Barros, a velhice enquanto estigma não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice evidenciados pela autora relacionam-se a valores e conceitos depreciativos:

"a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, o fim da vida, a morte, a tristeza, a inatividade, a pobreza, a falta de consciência de si e do mundo"¹⁶.

A autora alerta sobre nem todos os que chegam a uma idade mais avançada tornarem-se indivíduos estigmatizados. Pode-se exemplificar através dos indivíduos com posições superiores na vida política, ou entre artistas e intelectuais. O *status* adquirido por essas pessoas lhes confere a característica de acúmulo de experiência, de sabedoria, não os tornando alvo de acusações e rotulações estigmatizadoras da velhice¹⁷. Vê-se apenas uma minoria de idosos escapando da estigmatização...

Cabe aqui mencionar um outro fator colaborador na transformação da idéia da velhice (e conseqüentemente da aposentadoria) associada à uma perspectiva de sofrimento e decadência num discurso dominante acerca desse tema.

¹⁶ Myriam Moraes Lins de BARROS, *Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*, p. 39. (grifos meus)

¹⁷idem, p. 39-41

Na medida em que o número de pessoas idosas foi aumentando juntamente com o aumento da expectativa de vida da população brasileira, os velhos tornaram-se objetos de estudo e pesquisa, e transformados em alvo de políticas públicas específicas.

Em 1961, ocorreu a fundação da Sociedade Brasileira de Geriatria¹⁸ criada majoritariamente por uma categoria profissional específica - médicos - significando que a ótica médica norteou inicialmente os estudos e pesquisas empreendidos por esse órgão. Dessa forma, foi no espaço de pesquisas da Medicina - os hospitais - onde estudos sobre a velhice foram realizados. Apesar das conclusões representarem a particularidade dos idosos hospitalizados, seus resultados foram generalizados à população idosa, criando uma série de rótulos negativos, ainda hoje fazendo parte do senso comum.

A Gerontologia enquanto área de conhecimento específica para os estudos do processo do envelhecimento, teve inicialmente como matriz teórica estudos realizados pela Medicina Geriátrica e Psicologia do Comportamento¹⁹. Enquanto objetivos dessa área, Salgado afirma que

¹⁸Frederico Alberto de Azevedo GOMES, *História da sociedade brasileira de geriatria e gerontologia*. Somente em 1966 a instituição passou a se chamar oficialmente Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

¹⁹Marcelo Antônio SALGADO, *Velhice, uma nova questão social*, p. 23. Segundo o autor, "gerontologia significa, pois, o estudo dos processos de envelhecimento, com base nos conhecimentos oriundos das ciências biológicas, psicocomportamentais e sociais". (...) "Justifica-se, portanto, que seus conteúdos programáticos se orientem a partir dos científicos, já realizados, sobre o envelhecimento biológico"(p. 29).

"a Gerontologia se propõe, precipuamente, a ajudar o homem a viver o tempo de sua espécie da forma mais satisfatória possível"²⁰.

Propõe-se uma educação para a velhice: o aprendizado da arte de saber envelhecer, sistematizado através de um amplo receituário, colocando os idosos em condições de igualdade (todos podem envelhecer bem), desconsiderando a diversidade e as diferenciações existentes entre eles. De acordo com Debert, a Gerontologia é fundada na

"...hipótese de que a velhice homogeneizaria as experiências vividas ou que os problemas enfrentados pelos idosos são tão prementes e semelhantes que minimizariam as diferenças em termos de etnicidade, classe ou raça..."²¹.

Debert relaciona quatro elementos presentes no discurso da gerontologia fundamentais na construção da imagem do velho brasileiro como uma vítima privilegiada do sofrimento²² e da velhice como um período de tristeza e dificuldades.

²⁰idem, p. 29.

²¹Guita Grin DEBERT, *Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência do envelhecimento*, p. 3.

²² Guita Grin DEBERT, *O discurso gerontológico e as novas imagens do envelhecimento*.

O primeiro diz respeito à explosão demográfica da camada mais velha no Brasil, que acarretará no aumento dos gastos públicos para atender a essa crescente população idosa. Os dados demográficos indicam que, no ano 2000 seremos a sexta população de idosos no planeta, significando um desafio para a sociedade e para o Estado, ainda não desperta para essa questão²³, pois ainda consideram o Brasil como um "país de jovens".

O segundo elemento presente no discurso dos gerontólogos faz uma crítica ao modo de produção capitalista, o qual descarta aquele que não constitui mão-de-obra produtiva. Dessa forma, como já foi dito anteriormente, o velho é desvalorizado e excluído da sociedade. E, mesmo não tendo atingido uma idade avançada, o aposentado estaria incluído neste grupo, pois não mais trabalha, portanto é um inativo.

O terceiro elemento é uma crítica à cultura brasileira na sua valorização do novo, jovem, em detrimento do que é velho, tradicional.

O quarto elemento relacionado pela autora diz respeito ao Estado. Nos países desenvolvidos, o processo de envelhecimento da população ocorreu gradualmente e juntamente à modernização da sociedade. Os avanços sociais e econômicos permitiram um Estado de bem estar estendido a todos os segmentos da sociedade, possibilitando um planejamento de estruturas e políticas

²³idem, p. 1

de atendimento à população idosa. Já nos países do chamado 3º mundo, em especial no Brasil, o crescimento populacional ocorreu de forma diferenciada, não sendo o Estado capaz de atender aos problemas básicos da maioria da população. Ramos explica que

"... ao contrário do que ocorreu com a maioria dos países europeus no início do século, os países latino-americanos iniciaram seu processo de envelhecimento populacional em condições socioeconômicas bastante adversas. Enquanto, na Europa, o aumento proporcional dos idosos na população coincidiu com a época de franco desenvolvimento econômico e social marcada pela Revolução Industrial, em países como o Brasil, este aumento está se dando em meio a graves crises econômicas, e sem que tenha havido um desenvolvimento social pleno"²⁴.

Dessa forma, o envelhecimento se transforma em um problema social a ser enfrentado em nossa sociedade.

²⁴ Luiz Roberto RAMOS, *A explosão demográfica da terceira idade no Brasil: uma questão de saúde pública*, p. 3.

Apresentando esses elementos veiculados no discurso dos gerontólogos, não pretendo aqui retirar o mérito da Gerontologia, estabelecendo uma denúncia ou mesmo um confronto com este campo de conhecimento. Muito menos negá-los, pois eles representam a realidade da situação de milhões de aposentados no nosso país.

Porém, a Gerontologia, dessa perspectiva da miséria, tem corroborado com a visão estereotipada da velhice como um período negativo, relacionado a doença, dependência e passividade, tratando o envelhecimento como uma experiência homogênea. Haddad, criticando esse campo do conhecimento e apresentando-o como uma instância produtora da "ideologia da velhice" e reprodutora da ideologia dominante, afirma que

"no momento em que os técnicos monopolizam o saber sobre a velhice, os velhos, transfigurados em objetos desse saber, são reduzidos a gerontinos, perdendo as suas particularidades enquanto ser histórico"²⁵.

O importante é perceber esse discurso, tomando o cuidado de não adotá-lo como a única explicação para o entendimento da questão da velhice e da aposentadoria no Brasil.

²⁵ Encida G. de Macedo HADDAD, *A ideologia da velhice*, p. 37.

Outra forma de conceber a experiência do envelhecimento e da aposentadoria, numa visão mais contemporânea como coloquei anteriormente, não aceita os rótulos e estereótipos estabelecidos historicamente, reforçados pelo sistema capitalista e pelo discurso científico. Neste contexto, novas imagens do envelhecimento contrastam com a imagem do idoso como vítima do sofrimento.

A pesquisa realizada por Barros - um estudo antropológico sobre mulheres na velhice - aponta um contraste com a imagem predominante da mulher idosa que se retrai, e cuja vida restringe-se ao mundo interno do lar, da família e da casa a qual está vinculada. Imagem construída em função da grande maioria das mulheres não terem participado de uma vida profissional ativa e a velhice representar o último estágio de um *continuum* sempre ligado à esfera doméstica²⁶. As mulheres pesquisadas por Barros realizavam atividades não estritamente presas ao círculo doméstico, mas predominantemente na esfera pública - uma instituição religiosa - propiciando um caráter excepcional à velhice vivenciada. Segundo a autora,

**" a intensidade e a maior
dedicação às atividades
religiosas ganha um significado
quando a pensamos como a execução**

²⁶ Myriam Moraes Lins de BARROS, *op. cit.*, p. 14.

de um projeto de vida. Nesse projeto o que transparece é a idéia de missão que deve ser cumprida durante a vida. Todavia, na idade em que se encontram, há a ameaça de um fim de vida. Essa situação dá à missão um caráter especial, por ser ela vista ao mesmo tempo como um arremate de uma vida quase toda dedicada às atividades religiosas e como um ajuste de contas com o mundo para o qual estão voltadas"²⁷.

Através da militância nas atividades religiosas, essas mulheres concretizam um projeto de vida a ser realizado na velhice criando um novo significado para essa etapa da existência, com características diversas do quadro trágico apresentado pelo discurso dominante.

A velhice recebe um novo significado na pesquisa de Guerrero, sobre a Universidade para a 3ª Idade. A criação e a implantação da Universidade para a 3ª Idade da PUCCamp deu-se pelo pressuposto do idoso brasileiro ser discriminado, inativo, vivendo em condições precárias, em situação de perda de papéis sociais e conseqüentes crises, sendo o objetivo da instituição

²⁷idem, p. 60.

contribuir para mudar esse perfil²⁸. Na análise da autora, quem frequenta a Universidade para a 3ª Idade é um público basicamente feminino, relativamente jovem²⁹, buscando a instituição para

"... investir no próprio conhecimento, atualizar-se, adquirir mais cultura, ter oportunidade de estudar agora..."³⁰,

além da

"...ampliação do círculo das relações sociais e do estabelecimento de novas amizades"³¹.

Os alunos da Universidade para a 3ª Idade ocupam-se de uma variedade de atividades extra-domésticas, tais como trabalhos manuais, viagens e participação em outros grupos de 3ª Idade. Guerrero conclui sobre o perfil dos alunos estudados não se identificar com aquela imagem negativa de idoso, pressuposta pela própria instituição. Para a autora, a Universidade para a 3ª Idade

"...é uma das alternativas de se resistir à velhice, ou mais precisamente, à conotação

²⁸ Patrícia GUERRERO, op. cit, p. 40.

²⁹ Total de alunos: 119, sendo 92% mulheres e 8% homens. Idade: 43% dos alunos situam-se na faixa entre 50 e 60 anos. Estes números são do 2º semestre de 1992, período da realização da pesquisa.

³⁰idem, p. 50.

³¹ibidem, p. 53.

negativa que envelhecer traz consigo"³².

Mais ainda, é um espaço onde o envelhecimento pode ser vivido coletivamente, e transformado em um momento de satisfação pessoal e busca de novas experiências.

Recentemente a Revista Veja publicou um artigo intitulado "A revolução dos velhos", mostrando indivíduos com mais de 60 anos de idade formando uma "geração dourada": fogem dos rótulos negativos da velhice, se embelezam, saem mais de casa, cuidam melhor da saúde, realizam excursões e exercícios físicos, estudam, e situam-se como um mercado em explosão - "os velhos já não são mais os mesmos"³³.

Outro aspecto a ser considerado, mais especificamente ligado à questão da aposentadoria, conduzindo à transformação da velhice em um problema político reconhecido em nossa sociedade, foram os acontecimentos ocorridos em torno da constituição e evolução da previdência social, desembocando no Movimento de Aposentados e Pensionistas, assunto tratado mais detalhadamente no próximo capítulo. O idoso transforma-se em ator político; luta pelos seus direitos, organiza-se em associações, vai às ruas, protesta, aparece em cena.

³²ibidem, p. 63.

³³VEJA, *A revolução dos velhos*, p. 54.

São os novos olhares sobre a velhice e a criação de novos valores e significados para os indivíduos com idade mais avançada.

Sobre a velhice dos aposentados

Interessa-me perceber nesse instante, de que forma os sujeitos entrevistados vivenciam a experiência do envelhecimento e dessa forma buscar o significado da velhice em suas vidas. Em que medida as duas formas de entendimento da velhice e da aposentadoria apresentadas refletem na vida desses aposentados?

A primeira consideração a estas questões refere-se à variabilidade das formas dos sujeitos vivenciarem sua própria velhice. A velhice não é um fato total em suas vidas, isto é, os sujeitos não se sentem velhos em todas as situações de suas vidas. Ela não é uma experiência somente positiva nem somente negativa, apresentando traços negativos e positivos. O que para um aposentado pode ser ruim, para o outro não é, há uma variabilidade de obstáculos enfrentados por esses sujeitos: solidão, dinheiro, doenças, etc.

Os aposentados entrevistados não se definem como velhos em todas as situações de suas vidas e nem sempre sentem-se velhos. Dona Rosalina (66 anos) não soube definir o que é velhice, mas declara: *"Às vezes eu me acho velha, às vezes eu brigo com minhas filhas. Elas*

querem que eu faça alguma coisa que eu acho que não dá. Ah, não, mas eu tenho 66 anos! (...) Tem algumas coisas que eu acho que não devo fazer porque já passei da idade. Em algumas coisas eu acho que já estou velha. (...) Não sei, eu acho que eu penso que sou velha. Eu acho que eu estou bem consciente que eu sou. Não velha, né! Que sou sexagenária".

A velhice de uma maneira geral e a experiência particular dos sujeitos se dissociam, tornando-se coisas distintas. Velhice é, na fala de alguns sujeitos, o que ocorre ao outro e não a si mesmo. "A velhice é o seguinte: é os outros que acham que você é velho", diz sr. Carlos (72 anos). Dona Bianca (67 anos) considera ser a velhice "a maior decadência da vida do homem", no entanto declara estar vivendo "um período tranquilo", sem dificuldades, de grande dedicação à casa e à família: "tenho o meu serviço de casa, tenho o meu marido que é uma criatura maravilhosa para mim, tenho minha filha, meus netos que são... a minha vida agora é a existência dessas duas crianças, e eu vivo a vida assim muito bem mesmo".

Ser velho e sentir-se velho apresentam-se como coisas diferenciadas para alguns sujeitos. O sentimento da velhice é negado e apresentado como algo ruim, e muitas vezes distante da realidade dos entrevistados. "Olha, a pior desgraça da vida de um homem é sentir-se velho. É a pior desgraça do homem. Se ele sentir-se

velho - diz sr. Carlos - *Eu, como te falei agora há pouco, eu me sinto bem. Como diz, sinto que tenho idade. Mas eu sinto que eu tenho a coisa por dentro que eu, vale muito mais que eu aparento por fora*".

Diante dos estereótipos da velhice, os sujeitos oferecem resistência. Dona Rosalina não quer ser chamada de "velha", e solicita ao seu professor de hidroginástica que a considere uma "sexagenária". Diante disso, percebo a ocorrência de negação à velhice, não como um momento ou fase da vida, porém a negação da idéia da velhice representadas pelas características negativas colocadas anteriormente. Sr. Romero (64 anos) declara com veemência: *"velhice para mim não existe, sabe? Eu não sou um velho. Prá mim esses sessenta não me pesa nadinha! Não me pesa. Não, não sou um velho"*.

A degradação física muitas vezes cede lugar a uma dimensão mais espiritual. Sr. Romero continua dizendo: *"meu espírito é jovem, brinco com jovem, brinco com idoso, brinco com criança, brinco com negro, brinco com funcionário, brinco com todo mundo, certo? Nunca graças a Deus a pessoa acho que me viu de cara feia ou de mau humor"*. Esta dimensão apresenta-se também como um mecanismo de resistência à velhice. *"Não somos mais jovens, não somos moços"* - diz sr. Carlos - *"a casca, a casca ela estraga, ela cai, mas por dentro tem o cerne, né, tem o cerne da madeira"*. Dona Ângela (77 anos) assim se expressa a respeito da velhice: *"o espírito*

estando jovem, a velhice não tem, né, a idade não é, né?... Desde que tenha o espírito preparado, prá chegar na velhice, eu acho que a gente encontra... com a velhice com muito bom... eu sei... eu senti assim, eu não me senti velha...".

O sentimento de perda acompanha a realidade de alguns sujeitos, transformando a velhice num período em que este sentimento ocorre frequentemente. Perde-se saúde, entes queridos, disposição, trabalho, força para trabalhar... perde-se pouco a pouco a vida. Ao perguntar ao sr. João se sentia-se velho, este respondeu: *"ah, sim, já está, porque já não tem mais força. A força vai acabando, então a gente se sente um velho cansado. Não sei como dizer, mas os anos pesam. Cada ano que passa na pessoa vai perdendo"*. Dona Ana Maria declara: *"...nessa idade sabe o que vai acontecendo? As amizades da gente vai se escapando... vai se diminuindo, né? A gente vai perdendo, vai morrendo, vai... então vai diminuindo... Então é essas coisas que a gente acha falta, você entende? (...)* Velhice é uma coisa que vai se terminando, uma porção de coisas na vida da gente... *você larga de trabalhar, você só fica dentro de casa. Vai acabando as amizades"*. Acabam coisas por um lado, mas vem o sossego por outro - *"a gente, de primeiro quando era mais nova, tinha mais medo das coisas... tinha preocupações, diferente de agora, a gente já tá sossegada, já tá calma dentro de casa, não tem aquela*

aflição, aquela... como tinha de primeiro, quer dizer, é uma fase sossegada!".

Tempos da vida, fases da vida: velhice

"Existir, para a realidade humana, é temporalizar-se", diz Simone de Beauvoir³⁴. Assim, a idade modifica a relação do homem com o tempo. Passa o tempo, passa a vida. E no passar dos anos, como se manifesta a experiência humana de tempo?

No imaginário coletivo, quando se pensa em idoso, a idéia imediata é a de um sujeito com um longo tempo de vida atrás de si, e a velhice aparece frequentemente relacionada a termos e significações tais como perdas, incapacidade, involução, etc. Consequentemente, envelhecer passa a adquirir esse significado. Essa idéia é muitas vezes interiorizada pelos próprios idosos: *"a velhice, é uma pessoa que já viveu bastante. Que, se ele não morrer novo, ele vai ficar velho, e cada vez mais velho. Ele lutou com a vida, então ele ... desgastou!"*, me conta sr. João(64 anos). Da mesma forma Dona Janice(71 anos) explica *"que a gente viveu, que a gente viveu muitos anos e isso eu acho que é a velhice, né"*. No outro extremo, a infância ou a juventude representa um tempo que ainda virá, tornando o futuro algo expansivo. Como pode-se ver, a noção de temporalidade

³⁴Simone de BEAUVOIR, *op.cit*, p. 445.

está imbricada nas concepções construídas sobre a velhice e as demais fases da vida humana.

Castro identifica essa aceção de desenvolvimento humano calcada sobre um paradigma de temporalidade em que o tempo é considerado como

..." uma sequência linear, homogênea e quantificável de segundos, minutos, dias e anos, num acontecer progressivo e cumulativo"³⁵.

Nesta concepção de tempo,

"a cada momento da vida vemos o fluxo dos acontecimentos se esvaírem, o passado que se distancia, o presente que se torna um instante efêmero e fugidio, e uma projeção sempre crescente à nossa frente, que é o futuro"³⁶.

Um tempo que não volta mais, irreversível, levando a vida consigo à medida do seu transcurso.

Neste momento faz-se necessário perguntar, de onde vem essa noção de temporalidade linear transformada em paradigma e determinadora de modos de pensar e caracterizar a velhice enquanto tempo e significações

³⁵ Lúcia Rabelo de CASTRO, *Reverendo a noção de progresso: Um estudo crítico da senescência*, p. 150.

³⁶ *idem*.

dele derivadas? Como se dá historicamente a construção desse tempo medido, dividido milimetricamente, compartimentado e compartimentando a vida do homem? Como e por que o desenrolar da vida humana foi padronizado em períodos distintos como infância, adolescência, idade adulta e velhice, bem como definidos os papéis sociais para cada período - brincar, estudar, trabalhar e descansar?

Essa noção de tempo linear foi paulatinamente sendo impressa na vida do homem e sabe-se que surge em decorrência de transformações ocorridas no seio das sociedades ocidentais ditas "pré-industriais". Thompson nos mostra que, nas sociedades ditas pré-industriais, o tempo era dimensionado pela relação com eventos do mundo natural, e determinados aspectos deste ambiente natural eram tidos como demarcadores temporais. O cotidiano das pessoas e o ritmo do trabalho era comandado pela lógica da necessidade e as diferentes notações do tempo se davam através da relação com os ritmos naturais - "a natureza manda"³⁷. No entanto, ainda hoje no meio rural encontramos comunidades onde o trabalho segue um ritmo guiado pela natureza³⁸. Sr. João relata: "*A gente tinha que trabalhar era de sol a sol, onde eu trabalhava na roça, quando o sol saía eu já tava na roça há muito*

³⁷Edward Palmer THOMPSON, *O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial*, p.48.

³⁸Esta questão aparece na dissertação de mestrado de Elizara Carolina MARIN sobre o cotidiano de colônias de Vale Vêneto - RS.

tempo. E só saía da roça no final do dia quando o sol entrava ".

Thompson utiliza o termo "orientação por tarefa" ao fato de ser o cumprimento das tarefas de trabalho o regente do tempo ocupado. Dessa forma, o dia de trabalho poderia ser menor ou maior dependendo da realização das tarefas³⁹.

Pode-se dizer que o desenrolar da vida do homem era relativamente indiferenciado, também regido pelos ciclos da natureza, não havendo estágios definidos.

Gradualmente, segundo Thompson, o tempo foi sendo demarcado, e no período de transição para o capitalismo industrial, momento em que se exigiu uma maior sincronização do trabalho, o relógio surge como efetivador desse processo. Impôs-se assim uma nova disciplina do trabalho em função não somente da produção, como também de uma outra unidade: o tempo.

O "tempo natural" foi então cedendo o seu lugar ao "tempo-relógio", meticulosamente dividido, surgindo para atender à uma lógica onde a produção deve ser realizada com a máxima eficiência, e dependendo de um ritmo sincronizado de trabalho. Tempo este medido pelo relógio como regulador de todos os momentos da vida do homem.

Dessa forma, e de acordo com Bruhns,

"o mundo industrial moderno adotou o tempo linear, o qual não

³⁹Edward Palmer THOMPSON, *op. cit.*

se repete, estendendo-se ao longo de uma linha reta, configurando-se num espaço, até a infinitude".⁴⁰

Esclareço que esta mudança nos hábitos de trabalho resultando numa nova disciplina de tempo não se deu de forma mecânica e homogênea. No entanto, neste momento esta breve síntese faz-se necessária para elucidar como o tempo enquanto fator mensurável por novos elementos pôde influenciar o modo de vivenciar o desenrolar da vida do homem⁴¹.

Nesse momento, faço minhas as palavras do historiador: "até que ponto isto se relaciona com a noção pessoal da passagem do tempo?"⁴²

As transformações históricas ocorridas na transição para uma economia baseada em mercado de trabalho pode auxiliar na resposta à essa pergunta. Featherstone afirma a ocorrência de uma cronologização geral do curso da vida nas sociedades modernas, uma vez que

"uma série de idades compulsórias foram instituídas para começar e deixar a escola, assim como para ingressar no

⁴⁰Heloisa Turini BRUHNS, *Lazer, trabalho e tempo: uma discussão a partir de Thompson e De Grazia*, p. 364.

⁴¹ Para um maior aprofundamento da questão, ver Edward Palmer THOMPSON, *op. cit.*

⁴² *idem*, p. 46.

**trabalho, casar, votar, se
aposentar, etc"**⁴³.

Dessa forma, o fator **idade** passou a fazer parte da organização do sistema de produção e consumo, na educação e organização de políticas públicas.

Outro elemento responsável pela padronização e universalização das grades etárias segundo esse autor foi o Estado Moderno, na transformação de questões de ordem familiar em problemas de ordem pública.

Assim, através do patrocínio do Estado e de outras instituições sociais (científicas, por exemplo), assistimos à construção de um curso de vida rígido expandido aos homens de uma maneira geral na sociedade industrial ocidental. Essa cronologização do curso da vida instituiu uma nova sensibilidade em relação à noção pessoal da passagem do tempo, envolvendo praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho. Há, dessa forma, um tempo para brincar, outro para estudar, um tempo para trabalhar, outro para descansar em relação direta com as distintas etapas ou períodos da vida. De acordo com Debert,

**"a institucionalização do curso
da vida, própria da modernidade
não significou apenas a
regulamentação das sequências da**

⁴³Mike FEATHERSTONE, *O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento*, p. 62.

vida, mas também a constituição de perspectivas e projetos de vida por meio dos quais os indivíduos se orientam e planejam suas ações, individual e coletivamente"⁴⁴,

diferente do período histórico citado anteriormente, quando o tempo natural não determinava status etário ou funções sociais inerentes à idade.

Neste momento, algumas considerações devem ser tecidas em torno de questões que, acredito, não podem ser deixadas à parte nessa discussão.

Refiro-me à variabilidade histórica dos acontecimentos e a complexidade cultural. Como coloquei anteriormente, as transformações de ordem econômica no modo de conceber o tempo e o curso da vida não ocorreram ao mesmo tempo e de forma homogênea nas diferentes sociedades. Em contextos culturais particulares, os estágios da vida podem ser de diferentes durações e significados ou até inexistentes. Além disso, a extensão do curso da vida pode ser variável, portanto os estágios variam na dependência da expectativa de vida. Diante disso, Featherstone propõe que falemos de "cursos da vida", aceitando assim a pluralidade das formas do desenrolar da vida humana⁴⁵. Esse autor ainda se refere à

⁴⁴Guita Grin DEBERT, *Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice*, p.20.

⁴⁵Mike FEATHERSTONE, *op. cit.*, p. 61.

flexibilidade do curso da vida, na medida em que assistimos a uma maior diversidade e embaçamento das grades etárias. Cito como exemplos o ingresso de jovens no mercado de trabalho, casamentos e filhos depois dos 40 anos, escolas para a terceira idade e trabalhadores se aposentando mais cedo. Featherstone chama a esse fenômeno a "desconstrução do curso da vida"⁴⁶.

Quanto à velhice, o autor argumenta que esta categoria está sendo desconstruída, possibilitando uma imagem mais positiva do envelhecimento⁴⁷. Um exemplo desse processo se dá através da invenção de um novo tempo na vida do homem chamado "**terceira idade**". Essa terminologia segundo Debert e Simões

"...significa mais a negação do envelhecimento do que uma etapa entre a idade madura e a velhice propriamente dita"⁴⁸.

Isso indica que os signos do envelhecimento estão sendo invertidos e o tempo da velhice assumindo novas significações, entre elas, a associação da "terceira idade" à "idade do lazer".

Voltando a discussão para a questão do tempo, Castro afirma a necessidade de encontrar outras maneiras de compreender a velhice que não estejam pautadas pelo

⁴⁶idem, p. 63.

⁴⁷ibid. p. 69.

⁴⁸Guita Grin DEBERT e Júlio Assis SIMÕES, *A aposentadoria e a invenção da "terceira idade"*, p. 38.

paradigma da temporalidade linear⁴⁹. A autora sugere a possibilidade da reversibilidade temporal através da memória, implicando na sequenciação e superposição simultânea dos vários planos da vida humana. Assim,

"...trazer o passado naquilo em que ele é contínuo ao presente, assim como, simultaneamente, fazer aparecer a descontinuidade entre o passado e presente através das ressignificações que o passado pode adquirir"⁵⁰.

Acredito na pertinência destas considerações na medida em que os sujeitos entrevistados muitas vezes trouxeram elementos do passado na análise do momento atual de suas vidas. Não foi pretendido nas entrevistas pergunta alguma sobre como eram as suas vidas antes da aposentadoria⁵¹, no entanto alguns sujeitos citaram momentos da juventude, do trabalho, da situação do país, da família, numa perspectiva não somente de relatar o vivido, mas de analisar e relacionar a experiência passada com o presente. Ecléa Bosi ensina que nas lembranças das pessoas idosas

"...é possível verificar uma história social bem definida:

⁴⁹Lúcia Rabello de CASTRO, op. cit, p. 150.

⁵⁰idem, p. 151.

⁵¹A única pergunta que poderia remeter ao passado dos entrevistados foi "como foi o momento em que o sujeito deixou de ser trabalhador e se tornou aposentado?"

elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade"⁵².

Dessa forma, mesmo aqueles que não se consideram velhos, assumem a condição de velho em decorrência das transformações ocorridas na trajetória de suas vidas, diferenciando suas atitudes e valores no decorrer dessa trajetória.

Dona Ana Maria (68 anos) percebe que na juventude *"tinha mais medo das coisas, preocupações... diferente de agora, a gente já tá sossegada, já tá calma, não tem aquela aflição... já passou essa fase"*. Dona Bianca (67 anos) relata momentos de sua vida antes da

⁵²Ecléa BOSI, *op. cit.*, p. 22.

aposentadoria: "com a chegada da minha filha ... passei a viver em função da minha filha. Quando ela nasceu eu ainda trabalhava. Mas mesmo assim eu vivia mais em função da minha filha". Num momento de reflexão, revela: "até eu errei muito nesse ponto, porque eu deixei ela muito dependente de mim. E nesse ponto ela é até hoje porque eu fui supermãe". Dona Janice (71 anos) expõe suas dificuldades de não saber escrever: "isso aí, eu não tive escola, e a memória, eu já cansei de lidar prá eu aprender. A minha memória, eu não aprendo! Então, eu sei ler um pouquinho, escrever eu não escrevo nada, só o meu nome. Isso aí eu acho que é uma coisa muito triste prá mim, porque se eu tivesse mais sabedoria, eu não estava na situação que eu tô hoje, eu estaria melhor. Você tá entendendo? Eu estaria melhor, bem, porque uma pessoa que sabe ler bem, sabe escrever bem né, não chegava nesse ponto de fazer a minha escritura agora ne? Porque se eu fosse mais esperta, eu teria olhado os papéis, né, a obrigação da gente é olhar, verificar a lei, mas confiei! E fiquei!". Na entrevista dona Janice tece o comentário final: "É a cultura da vida, bem. Da vida, do sofrimento que já passei, né?".

Concordando com Castro, essas revelações demonstraram que

"as reminiscências representam tanto meios de se criar novos sentidos para o passado, como

também de se vivenciar a continuidade do sujeito através do tempo, tendo em vista a heterogeneidade implicada nas transformações da trajetória de vida"⁵³.

Dessa forma, a autora sugere uma nova visão de desenvolvimento humano concebido como

"...o tempo em que o sujeito se refaz continuamente, torna-se heterogêneo de si mesmo, enquanto que também se experimenta como igual a si mesmo e contínuo no tempo"⁵⁴.

A velhice, nessa concepção, passa a significar um recorte sobre este "tempo total de vida", carregado de determinados valores como as outras etapas do processo de desenvolvimento também o são.

Aposentadoria: um novo tempo

A aposentadoria confere ao homem um novo marco em sua vida, se considerarmos a retirada de suas atividades de trabalho. Não necessariamente representa a chegada da velhice, como já foi exposto anteriormente, no entanto,

⁵³Lúcia Rabello de CASTRO, *op. cit.*, p. 151.

⁵⁴*idem* (grifos da autora).

uma nova referência temporal, uma vez presente um aumento considerável do seu tempo de não trabalho.

Qual o significado assumido por esse novo tempo na vida dos sujeitos entrevistados? Como os aposentados encaram essa mudança de referencial temporal: tempo de trabalho - tempo de não trabalho/aposentadoria?

Dona Rosalina contou-me ter se aposentado porque não *"aguentava mais ser escrava do relógio de ponto"*, declarando sobre um dos seus prazeres ser hoje *"dormir sem despertador"*. Sr. Romero afirma sobre a aposentadoria ter-lhe trazido *"mais liberdade, né. Quer dizer, a gente deixou de passar por aquele horário, aquele setor de horário, de picar cartões, de ter horário prá gente cumprir com as obrigações da gente"*.

Beauvoir afirma que

"na vida do homem, a aposentadoria introduz uma radical descontinuidade; há ruptura com o passado; o homem deve adaptar-se a uma nova condição, que lhe traz certas vantagens - descanso, lazer - mas também graves desvantagens: empobrecimento, desqualificação"⁵⁵.

⁵⁵Simone de BEAUVOIR op. cit, p. 325.

Não há como negar a ocorrência dessa ruptura com um determinado tipo de trabalho e certas atitudes inerentes à essa esfera, pois no sistema de aposentadorias existente em nossa sociedade, o indivíduo deixa de trabalhar praticamente de um dia para o outro, porém discordo da autora ao dizer da ruptura com o passado. Ocorre sim a passagem do mundo amplo e público - trabalho - para o mundo restrito e privado - casa - na maioria das vezes. O trabalhador, acostumado com tantos anos de trabalho, de atividade intensa e diária, quando se vê desobrigado desta, experimenta um certo estranhamento com sua nova condição.

Dona Ana Maria trabalhava como retocadora de fotografias e declara: *"não foi fácil, foi duro de ficar dentro de casa, é uma fase da gente difícil. Porque você tem aquela vida agitada, aquele vai-e-vem, aquela coisa, e de repente você dá aquela parada..."*. Dona Bianca também viu-se com dificuldades em se desligar do mundo do trabalho como auxiliar de enfermagem, *"...quando trabalhava vivia em contato com quantas, milhares de pessoas, né? Na minha profissão eu tinha que estar com muitas pessoas. Então, dentro da minha profissão eu conheci muitas pessoas, depois eu me vi num mundo fechado. Às vezes eu tinha assim um pouco de ... não é bem depressão, melancolia! Melancolia"*.

Dona Rosalina trabalhou na TELESP e teve uma experiência diferente quanto à sua retirada do mundo do

trabalho: "eu não senti o impacto. Não. Eu não senti. Eu não senti saudade, não senti saudade. E... eu senti, fui sentindo no decorrer desse ano mesmo a dificuldade financeira (refere-se ao primeiro ano como aposentada). Mas eu não, eu não senti parar de trabalhar, engraçado. Não senti. Apesar de eu gostar do convívio, conversar, e... aquele convívio diário com as colegas, tudo, eu não senti tanta falta. Engraçado, que eu tenho colegas aposentadas, que elas, é... elas formaram uma rede telefônica entre elas, então elas sabem tudo! Tudo o que se passa na empresa, e eu me desliguei completamente".

Haddad vem discutir sobre o vazio instalado na vida dos aposentados com a aposentadoria, devido ao

"...processo de reificação a que estão submetidos, o 'prestígio' ocupado pelo trabalho foi por eles internalizado através do longo processo de educação para a vida produtiva e, conseqüentemente, é por eles próprios reproduzido"⁵⁶.

Sr. Francisco (73 anos) trabalhava como técnico em veterinária, não se vê satisfeito como aposentado. Continuou trabalhando após a sua aposentadoria, porém atualmente declara ser essa a sua situação: "estou me vendo arrasado! Arrasado! Porque fui acidentado, já duas

⁵⁶Encida Gomes de Macedo HADDAD. op. cit, p.48.

vezes, tive um infarte, eu não estou podendo trabalhar (...). Sinto arrasado por não ter condições de fazer mais nada". Para o sr. Francisco, a aposentadoria "na realidade não é boa coisa. Porque veio a vida prá gente, e a gente ficou velho e fica sem condições de trabalhar, de viver. Então a gente pensa assim, vou viver logo pela mão dos outros! Então a gente vai se vendo assim, meio acabrunhado, sem condições de ter recursos de fazer outra coisa (...). Mas eu gostaria é de estar trabalhando mesmo". No entanto, não entendo que sr. Francisco se sinta arrasado apenas pelo fato de estar sem condições de trabalhar, mas por não estar trabalhando como gostaria⁵⁷, e o fator limitante no caso não é somente financeiro como também seu estado de saúde.

Para alguns sujeitos, a aposentadoria deixa de ser um tempo de desfrutar o seu merecido descanso e volta a ser tempo ocupado pelo trabalho remunerado. A volta ao trabalho não significa o sentimento de utilidade ou de incapacidade de viver sem trabalhar, mas sim um meio de garantir a sobrevivência e aumentar a renda de si mesmo ou da família. Dona Rosalina aposentou-se e após um ano retornou ao trabalho, pois "...financeiramente foi muito ruim esse ano. Então eu gostava muito de fazer algumas

⁵⁷ No período da entrevista, sr. Francisco trabalhava em uma casa de produtos veterinários de um amigo, declarando não receber salário algum, somente prestando ajuda. "Tenho um pouquinho de fregueses que ainda me chamam prá fazer algum serviço para eles, mas pouco. Porque o serviço que eu fazia de gado, no campo, eu não estou podendo fazer mais. E de cachorro, muito pouco. Cachorrinho doméstico, aí de dentro de casa de madame, essa coisa, tenho feito muito pouco".

coisas, e eu não tinha dinheiro prá fazer nada. Então eu estava em casa, este ano eu não vivi. Eu fiquei só pensando em o quê eu estava fazendo em casa. Sem dinheiro, sem nada. Aí apareceu essa oportunidade na Prefeitura, eu voltei", trabalhando por mais onze anos.

Dona Janice declara tristemente a realidade vivida enquanto aposentada: *"Quando eu me aposentei, eu pensei que eu podia ficar na minha casa, que o dinheiro ia dar, que eu ia viver sem problema, mas tudo mentira. Tudo mentira, porque os problemas existem, você não pode ficar sem trabalhar, porque esses duzentos reais não dá prá viver".* Viúva, dona Janice trabalha como babá para ajudar nas despesas e explica que *"tomar conta do nenezinho dá muito trabalho, dá muita canseira... ele quer colinho o dia inteiro, então quando chega de tarde, estou chegando aqui mais morta do que viva, né bem".* Resume estar vivendo *"este período com muito sacrifício."*

Percebo que o significado da aposentadoria enquanto um novo tempo na vida de alguns dos sujeitos está imbricado nas condições materiais que a própria aposentadoria revela - a condição financeira modificada (diminuída) advinda do benefício recebido da Previdência Social. A questão financeira permeia muitos momentos da vivência do tempo da aposentadoria. Dona Bianca declara estar vivendo modestamente com o benefício recebido: *"é uma miséria o que a gente recebe de aposentadoria, não*

esbanjo nem nada". Dona Ana Maria revela que "este período da minha vida, no momento não tá muito bom porque eu tenho minha mãe com idade e ela teve muito doente, então eu tô mais dentro de casa (...), não tenho quem fique com ela. Ela também é pensionista e não ganhamos muito, ganhamos pouco, quer dizer que se tem que ser artista prá poder lidar com o dinheiro prá não ficar devendo prá ninguém. Hoje em dia ser aposentada não é bom... tem que ter ... não sei, acho que uma aposentadoria mais elevada pode ser que leve uma vida mais folgada, mais eu não não, eu tenho que ser artista prá poder viver".

O trabalho na aposentadoria pode ganhar uma nova dimensão, nos casos em que o seu objetivo não é mais acumulação financeira, mas sim uma necessidade de o aposentado se "sentir útil", de poder colaborar com alguma coisa ou mesmo com outras pessoas, ou então iniciar uma atividade ainda não experimentada.

Dona Ângela participa da conferência de São Vicente, e as atividades por ela desenvolvidas com idosos em asilos, com favelados, são concebidas como um trabalho: "eu me sinto bem com isso, de servir a quem precisa, sabe? Na medida em que eu posso...".

Já no caso de dona Bianca, o trabalho formal cedeu lugar a outro tipo de ocupação não menos árdua: o trabalho doméstico. "Depois que eu aposentei, trabalhei mais ainda, porque só trabalho em casa. Porque quem

trabalha em casa, trabalha muito mais do que quem trabalha em emprego", declara a ex-enfermeira.

A aposentadoria pode então configurar-se como um tempo para se descansar de tantos anos de trabalho, um tempo para retornar ao trabalho ou mesmo descobrir novas possibilidades de trabalho, um tempo para lutar pelos direitos da aposentadoria, um tempo para estudar e adquirir novos conhecimentos, um tempo para se dedicar mais efetivamente a uma atividade de cunho religioso, um tempo para se repensar a própria condição de ser humano, para se divertir, enfim, um tempo que pode ser destinado a uma multiplicidade de acontecimentos, mesmo que esse acontecimento seja simplesmente "não fazer nada".

Além de uma nova relação com o tempo conferida pelo desligamento das atividades do trabalho, a aposentadoria representa um direito do trabalhador para receber um provento mensal, na perspectiva de assegurar sua subsistência após a sua vida funcional.

II- A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS DE CAMPINAS E REGIÃO NO CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL

Torna-se necessário nesse instante elucidar alguns elementos na história da criação da aposentadoria no Brasil, permitindo compreender a consolidação de formas de atuação - reivindicações e lutas - dos aposentados na busca da garantia desse direito, melhores condições de vida e salários dignos, levando ao surgimento de um movimento de aposentados e pensionistas a nível nacional e a criação de associações, incluindo a AACR.

A criação da AACR não foi um fato isolado, mas surgiu num momento de criação de várias outras associações de aposentados, resultante da crise instalada pelo processo de implantação do sistema previdenciário brasileiro.

O contexto dos acontecimentos em torno do surgimento da Previdência Social no Brasil

No Brasil do início desse século, a velhice ainda não consistia num problema social. O velho era alvo da assistência na medida em que mendigava pelas ruas, sem abrigo ou sustento.

Tradicionalmente, as funções de proteção social ficavam a cargo da família, de instituições de caridade tais como a Igreja e associações de apoio mútuo.

Contudo, as profundas modificações que ocorriam no país causadas principalmente pela urbanização e industrialização, tornaram essas organizações cada vez mais obsoletas, provocando assim

"...o surgimento de um novo e crescente problema humano na sociedade, fonte de conflito social"⁵⁸.

Problema não somente relacionado aos velhos, mas a toda a população que necessitava de seguridade social. Se, nesse período, a velhice estava associada à invalidez, ou melhor, à incapacidade de produzir, havia outras formas de invalidez que atingiam aos trabalhadores operários, como por exemplo as doenças e os acidentes de trabalho. Uma vez fora da esfera da produção, como o trabalhador iria garantir a sua subsistência e de sua família?

Foi então necessário a criação de instituições com o propósito de substituir parcialmente a família e as intervenções de cunho caritativo no tratamento das pessoas mais velhas e trabalhadores incapacitados de exercer suas funções. A proteção social ficou assim a cargo do Estado. Dessa forma, pode-se dizer que a política de previdência social no Brasil esteve ligada diretamente ao processo de transformação da sociedade,

⁵⁸James M. MALLOY, *Política de previdência social no Brasil*, p. 15

mais precisamente relacionada às novas configurações do trabalho e da família.

Neste momento, julgo necessário olhar mais detalhadamente o processo dessa transferência de atribuições a respeito da proteção social. Portanto, entender qual o contexto político e social em que ocorreram essas transformações.

Costuma-se dar como data de nascimento da Previdência Social no Brasil a Lei nº 4.682 de 24 de janeiro de 1923, designada pelo nome do seu autor: o deputado paulista Eloy Chaves⁵⁹. Essa lei estabelecia a criação, em cada companhia de estrada de ferro, de uma Caixa de Aposentadoria e Pensões (CAP). De acordo com MALLOY, a Lei Eloy Chaves

"...estabeleceu as bases legais e conceituais da posterior previdência social, e também o precedente do uso da previdência como meio de lidar com a questão social"⁶⁰.

A partir dessa lei, os trabalhadores, no caso os ferroviários, passariam a desfrutar de cobertura previdenciária após o momento do desligamento da ativa, por velhice, invalidez ou tempo de serviço. Esta é

⁵⁹Amélia COHN, *Previdência social e processo político no Brasil*, Jean-Michel HÔTE, *Brasil, uma política para a velhice, já*, Jaime A. de Araújo OLIVEIRA & Sônia M. Fleury TEIXEIRA, op. cit. e James M. MALLOY, op. cit.

⁶⁰James M. MALLOY, op. cit, p. 48

portanto a primeira manifestação legalizada da aposentadoria em nosso país.

O esquema de financiamento das CAPs era tripartite: o empregado contribuía com 3% da renda do seu salário, o empregador com 1% da renda bruta anual da empresa, e o governo contribuía com os impostos taxados sobre os usuários dos serviços oferecidos por cada empresa. A administração das CAPs era feita por comissões, compostas por representantes da empresa e dos empregados. O Estado não participava efetivamente em relação aos aspectos administrativos das Caixas, porém, havia o CNT que era a entidade pública específica reguladora dos assuntos ligados à previdência social e às questões trabalhistas.

Portanto, pode-se dizer que nos anos 20, a Previdência Social brasileira estava organizada na forma de instituições de caráter civil e privado⁶¹. A previdência social ainda não se estendia a amplas categorias sociais, mas se dirigia a grupos específicos que exerciam determinado trabalho.

A Lei Eloy Chaves foi então estendendo-se a outras categorias profissionais⁶². É importante notar que os

⁶¹Amélia COHN, op. cit, e Jaime A. de Araújo OLIVEIRA & Sônia M. Fleury TEIXEIRA, op. cit.

⁶²MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, *Evolução histórica da previdência social*.

Em 1926, a lei nº 5.109 de 20 de outubro estendeu o Regime da Lei Eloy Chaves aos portuários e marítimos; em 1928 foi a vez da criação de CAPs para os trabalhadores dos serviços telegráficos e radiotelegráficos (Lei nº 5.485 de 30 de junho). Em 1930, o Decreto nº 19.497 de 17 de dezembro determinou a criação de CAPs para o pessoal das companhias elétricas e de bondes. E ainda:

1934: CAPs dos aviários (Portaria nº 32 de 19 de maio), CAPs dos trabalhadores em trapiches e armazéns (Decreto nº 24.274 de 21 de maio) e CAPs dos operários estivadores (Decreto nº 24.275).

segurados de cada CAP não recebiam os mesmos benefícios de aposentadoria e pensão. Uma vez que os benefícios eram calculados sobre o valor das contribuições dos empregados, que por sua vez eram uma porcentagem dos salários, as Caixas que abrangiam uma categoria mais privilegiada obteriam logicamente mais recursos que as demais. De acordo com Cohn,

"...a forma pela qual a previdência social foi implementada acabou por reforçar as disparidades econômicas existentes entre as diferentes categorias profissionais"⁶³.

Em 1930, foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, órgão encarregado de organizar racionalmente as questões trabalhistas e também as de caráter previdenciário.

É nessa época que a previdência social passa a ser objeto de atenção mais específica do Estado. Em 1933, um novo tipo de instituição de previdência social foi criado. Sob o amparo direto do Estado, surgem no cenário político-social os Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAP), incluindo todos os empregados de uma categoria profissional específica. Não se tratava mais de um vínculo entre empregado e sua empresa, mas entre ele e sua categoria ocupacional.

⁶³Amélia COHN, *op.cit*, p. 9

O primeiro Instituto a ser criado foi o IAP dos trabalhadores marítimos (IAPM). Em 1934 foram criados o IAP dos comerciários (IAPC) e o IAP dos bancários (IAPB), e em 1936 foi criado o IAP dos industriários, implementado apenas em 1938, ano da criação do IAPTEC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas)⁶⁴.

O modelo de organização dos IAPs manteve como finalidade principal a concessão de benefícios e secundariamente a assistência médica, tal como nas CAPs, e eram estruturados financeiramente de forma tripartite.

As CAPs não deixaram de existir com o surgimento dos IAPs, e a coexistência destas duas instituições contrapôs duas formas de organização da previdência social no Brasil: a forma privada, representada pelas CAPs, e a forma estatal, representada pelos IAPs. Não obstante, a substituição gradativa das CAPs pelos IAPs, de acordo com Cohn

"...significa que o Estado assume mais estreitamente a gestão dessas instituições; a previdência social passa a ligar-se de maneira bastante estreita

⁶⁴MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, *op. cit.*

(...) aos interesses das classes dominantes"⁶⁵.

Também os IAPs refletiam e reforçavam as desigualdades econômicas entre as diversas categorias profissionais. A autora ainda afirma que a previdência social estabelecida sob esses moldes possui um duplo caráter:

" elemento de resposta a reivindicações preexistentes e ao mesmo tempo mecanismo de controle",

o que permite entender

"...a natureza diferenciada do processo de criação e sobretudo atuação dos diferentes institutos durante todo o decorrer de sua história"⁶⁶.

Dessa forma, a questão da previdência tornou-se um forte elemento de mobilização social.

A primeira tentativa de unificação e universalização do sistema previdenciário no Brasil foi um decreto assinado em 1945 pelo presidente Getúlio Vargas, com a proposta de criar o Instituto de Serviços Sociais do Brasil (ISSB), na substituição dos diversos IAPs existentes, e teria como atribuição precípua desenvolver

⁶⁵Amélia COHN, *op. cit.*, p. 9

⁶⁶*idem*, p. 21

serviços de previdência e assistência social. Porém, o decreto foi revogado sem mesmo ser implementado.

A partir de então, ocorreram intensos debates sobre questões previdenciárias em busca da unificação do sistema em decorrência das mudanças que ocorriam no cenário político e econômico brasileiro. Uma medida de grande importância para a organização da previdência social foi a promulgação da LOPS - Lei Orgânica da Previdência Social), em 1960. Através dessa lei, benefícios e serviços assumem a mesma importância na definição das finalidades da previdência social⁶⁷.

Diante da situação a qual atravessava o país, era urgente a necessidade de reforma do sistema previdenciário . De acordo com Malloy,

"a crise financeira dos institutos, as denúncias públicas dos abusos administrativos e o crescente poder dos grupos discriminados contra o sistema - especialmente da massa dos trabalhadores da indústria - agiram para induzir tanto o Executivo quanto o quadro de líderes congressistas a

⁶⁷ibidem

**levantarem a bandeira da
reforma"⁶⁸.**

Um momento importante da história da previdência social foi quando em 1961 o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio passou a ser o Ministério do Trabalho e Previdência Social. Já no ano seguinte foi concedida a aposentadoria após trinta e cinco anos de trabalho.

A unificação definitiva dos seis IAPs ocorreu em 1966 com a criação do Instituto Nacional da Previdência Social (INPS)⁶⁹, oficialmente instalado em 1967. Dessa forma, o Estado finalmente assumiu todas as responsabilidades pela seguridade social.

Desde então, várias modificações ocorreram em relação às questões de ordem previdenciária no Brasil, como a extensão dos direitos previstos na previdência social aos trabalhadores rurais, aos empregados domésticos, a criação em 1974 do Ministério da Previdência e Assistência Social, dentre outras.

Quanto aos aspectos de assistência social, as primeiras iniciativas do Estado, no caso mais específico dos idosos, ocorreram ao longo dos anos 70. Em 1974, o INPS criou o Programa de Assistência ao Idoso, e, através da Lei nº 6.719 de 11 de dezembro, instituiu o

⁶⁸James M. MALLOY, *op.cit*, p. 121

⁶⁹Decreto-lei n. 72 de 21 de novembro de 1966.

amparo previdenciário para os carentes maiores de 70 anos, também chamada "renda mensal vitalícia"⁷⁰.

Prata, em seu estudo sobre os programas especificamente destinado às pessoas idosas, considera o envelhecimento como um processo de marginalização do idoso, sendo necessário conscientizar a população para os problemas dos idosos e manter convênios com instituições de caridade para o abrigo de idosos carentes⁷¹. Em 1976, o Ministério de Previdência e Assistência Social propôs a realização de seminários regionais para obter um diagnóstico da situação dos idosos em São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza, com vistas a reunir os dados levantados nesses seminários em um evento a nível nacional. Segundo a autora, os documentos elaborados a partir desse seminário se limitaram à constatação do problema.

A partir de 1977 a Legião Brasileira de Assistência - LBA - passou a oferecer atendimento específico à população idosa carente. De acordo com Prata,

"essa medida veio demonstrar o reconhecimento, por parte do Estado, da existência de um novo problema a ser encarado: o idoso"⁷².

⁷⁰MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, *op. cit.*

⁷¹Lizete Emília PRATA, *Os programas especificamente destinados à população idosa.*

⁷²*idem*, p. 234

A LBA foi estruturada através dos programas: "projeto conviver", com o objetivo de integração e participação social do idoso, no qual são firmados convênios com instituições que desenvolvessem atividades de lazer e associativismo; "projeto asilar", com o objetivo de amparar financeiramente instituições que abrigam idosos carentes, e o "programa nacional de voluntariado" (PRONAV), com a proposta de criar espaços para participação e integração social de idosos com outras gerações, através da construção de centros de convivência de idosos⁷³.

**A crise da Previdência Social no Brasil e o
desencadeamento do Movimento dos Aposentados e
Pensionistas.**

Com a criação dos IAPs, o Estado adquiriu o poder de controlar os investimentos dessas instituições. Uma vez que o financiamento das CAPs e dos IAPs era feito de forma tripartite, como já foi descrito, nem sempre todas as partes contribuía regularmente. Os empregadores não arcavam freqüentemente com sua parte nas despesas, e para compensar esse descaso, repassavam o "prejuízo" sob a forma de menores salários ao trabalhador e aumento de preços ao consumidor. O Estado, por sua vez raramente pagava a sua parte, tornando-se um grande devedor do

⁷³ibidem, p. 238

sistema, situação que permanece até os dias atuais. Dessa forma, os benefícios da previdência social de uma minoria, eram pagos pela grande maioria de não segurados, isto é, a massa trabalhadora.

Portanto, o principal pilar da fonte de recursos do sistema previdenciário foi a contribuição dos empregados. Levando-se em conta os baixos salários por eles recebidos, logicamente o total dos recursos não seria de grande volume, ocorrendo assim o que se chamou de "regime de capitalização"⁷⁴.

Resumidamente, o que ocorreu foi que , ao contrário do que se propunha a constituição original da previdência social, em outorgar determinados direitos às classes trabalhadoras (serviços e benefícios), uma outra finalidade se sobrepôs à essa principal: a de constituir um instrumento de captação de recursos (via sistema de capitalização) dessas classes para investir em outros setores da economia, como o processo de industrialização no Brasil.

Pode-se assim dizer que esse foi o início de uma crise do sistema previdenciário que até os dias de hoje não se reverteu; pelo contrário, aumentou e se complexificou cada vez mais.

Após a unificação da Previdência Social foi-se agravando ainda mais a situação. Oliveira & Teixeira assinalam três características desse período. A primeira

⁷⁴Amélia COHN, *op. cit.*

se refere à extensão da cobertura previdenciária passando a abranger quase toda a população urbana e parte da população rural. A segunda característica é

"... a orientação da política nacional de saúde para o privilegiamento da prática médica curativa, individual, assistencialista e especializada, em detrimento de medidas de saúde pública, de caráter preventivo e de interesse coletivo"⁷⁵.

E a terceira característica desse período é que essa intervenção estatal na área de saúde

"...propiciou a criação de um complexo-médico-industrial, responsável pelas elevadas taxas de acumulação do capital das grandes empresas monopolistas internacionais na área de produção de medicamentos e de equipamentos médicos"⁷⁶.

Quanto à política salarial adotada no pós-64, o que se verificou foi um rebaixamento ultrajante do salário mínimo, em razão do controle inflacionário e do desenvolvimento econômico. A consequência imediata

⁷⁵ Jaime * de Araújo OLIVEIRA, Sônia M. Fleury TEIXEIRA, op.cit, p.208.

⁷⁶ Jaime A. de Araújo OLIVEIRA & Sônia M. Fleury TEIXEIRA, op. cit, p. 209

dessas medidas de contenção foi o crescente empobrecimento das classes assalariadas.

Nesse contexto, em relação aos reajustes dos proventos dos aposentados e pensionistas, os índices de correção eram inferiores à inflação. Em 1975, foi promulgada a Lei nº6.205 de 29 de abril, estabelecendo a descaracterização do salário-mínimo como fator de correção monetária, e assim o reajuste dos proventos dos aposentados e pensionistas passaram a ser calculados com base em um valor abaixo do mínimo⁷⁷.

Com base nesses dados e nas transformações que foram acontecendo em torno da política de previdência social no Brasil, ocorreu uma enorme defasagem nos proventos dos beneficiários da previdência social, que passaram a não cobrir as mínimas necessidades de sobrevivência. Soma-se a isso, o fato de que com a unificação do sistema previdenciário, os sindicatos perderam a capacidade de participação efetiva na gestão dos recursos financeiros. O resultado disso foi que

"o poder dos sindicatos de pressionarem em favor da manutenção e ampliação dos benefícios e serviços previdenciários enfraqueceu ao ponto de fazer com que essas questões deixassem de ser uma

⁷⁷ Eneida G. de Macedo HADDAD. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*, p. 35 e 36

preocupação primordial na luta sindical, como eram até então"⁷⁸.

Dessa forma, os sindicatos passaram a se preocupar mais especificamente com as questões trabalhistas, deixando a aposentadoria em segundo plano. Os aposentados e pensionistas se viram obrigados a encontrar o seu próprio espaço na luta por melhores benefícios e condições de sobrevivência. Diante desse quadro, o Movimento de Aposentados e Pensionistas marcou o início de uma nova forma de manifestação em busca da defesa dos interesses dos beneficiários da Previdência Social.

As associações de aposentados foram surgindo desde os anos 60, tanto aquelas de caráter global, como as que reuniam aposentados de categorias profissionais específicas. A União dos Aposentados e Pensionistas do Brasil foi fundada em 1966, advinda da fusão da Associação dos Trabalhadores Gráficos Aposentados de São Paulo com a Legião de Inativos de São Paulo, e recebe como associados trabalhadores aposentados de diversas categorias ocupacionais. Conforme Haddad,

"a União, criada dois meses antes da unificação dos Institutos de Aposentadorias e pensões, representou a primeira tentativa, no Estado de São

⁷⁸Júlio Assis SIMÕES. *A previdência social e o recente movimento de aposentados e pensionistas: um histórico*, p. 18

Paulo, de unir os aposentados e pensionistas em torno de uma instituição que representasse seus interesses"⁷⁹.

A Associação dos Trabalhadores Metalúrgicos Aposentados de São Paulo foi fundada em 1972, ligada ao correspondente sindicato. Outras associações foram fundadas, com o mesmo propósito de orientarem os aposentados sobre os seus direitos e erguerem a bandeira da luta por aposentadorias dignas.

A crescente movimentação em torno das questões sobre aposentadoria levou o Movimento dos Aposentados a alcançar uma envergadura a nível nacional. De acordo com Haddad,

"o Movimento de Aposentados e Pensionistas demonstra a possibilidade de, no pós-aposentadoria, continuar o processo coletivo contra a derrota: a luta pelo direito à vida, enquanto direito do estatuto do trabalhador. No lugar da fragilidade, aparece a força dos dominados"⁸⁰.

⁷⁹Eneida G. de Macedo HADDAD. op. cit, p. 44.

⁸⁰idem, p. 50.

Com o objetivo de coordenar as associações, a Federação dos Aposentados e Pensionistas do Estado de São Paulo foi fundada em 1983, e como órgão de maior representatividade nessa luta, foi criada em outubro de 1985 a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas - COBAP. Essa entidade tem como finalidade precípua a congregação e coordenação a nível nacional das instituições representativas de aposentados, reformados e pensionistas, sem distinção de categoria profissional ⁸¹.

De acordo com Simões⁸², pode-se visualizar três momentos muito importantes na organização do movimento dos aposentados. O primeiro, segundo o autor, ocorre no início dos anos 80, quando começaram a proliferar ações judiciais contra o INPS devido a descumprimentos da lei, levando à formação de diversos grupos de aposentados a ingressarem com ações coletivas na Justiça reclamando a reposição das perdas nas suas aposentadorias. Ressalto que a grande maioria dessas ações foram decididas em favor dos aposentados. O processo ocorrido em torno dessas ações judiciais resultou na formação de várias outras associações de aposentados e pensionistas⁸³.

⁸¹ibidem, p. 62.

⁸²Júlio Assis SIMÕES, op. cit, p. 26-28.

⁸³Em 1979 foi fundada a Associação dos Trabalhadores Têxteis aposentados de São Paulo, seguindo a fundação da Associação dos Trabalhadores Aposentados nas Indústrias Gráficas de São Paulo, em 1983 e a Associação dos Empregados Aposentados das Indústrias Químicas e Farmacêuticas, em 1985. Ver Encida G. de Macedo HADDAD, op. cit, a respeito das especificidades das Associações citadas.

O segundo momento foi o movimento em torno da eleição do Congresso Constituinte e a posterior elaboração do capítulo constitucional relativo à seguridade social. Esse movimento significou uma grande mobilização dos aposentados representados através da COBAP.

O terceiro momento ocorrido recentemente foi a "luta pelos 147%", quando em 1991 o salário mínimo recebeu um aumento de 147,06% não repassados para os benefícios da Previdência Social. Segundo Simões,

"o saldo de toda a mobilização pelos 147% foi altamente positivo para o movimento organizado de aposentados e pensionistas, dando-lhe visibilidade até então inédita..."⁸⁴.

O aposentado transforma-se em ator político, não somente um sujeitado das forças políticas, mas um sujeito ativo, lutando pela sua condição de velho e ex-trabalhador, que emprestou à nação sua força de trabalho e agora requer seus direitos de cidadania.

Nesse cenário de lutas, de reivindicações, no contexto do Movimento de Aposentados e Pensionistas, surge a Associação dos Aposentados de Campinas e Região (AACR), fundada em 15 de maio de 1985. O fundador e ex-presidente da AACR, Sr. Duílio Sílvio Vanuucci, declara:

⁸⁴Júlio Assis SIMÕES, *op. cit.*, p. 31.

"quando eu me aposentei, fiquei tão revoltado com a minha aposentadoria, que resolvi montar a Associação. Porque não tinha aonde o aposentado reclamar os seus direitos. Não tinha! Então eu decidi, peguei o dinheiro, botei no bolso e com um pouco fundei a Associação. Daí em três, quatro ou cinco dias, já estava tudo pronto para ser fundada a Associação, na chácara de um amigo meu, que era um dos fundadores".

Creio que o momento e a necessidade da criação da AACR não surgiu apenas da revolta pessoal de seu fundador. É claro que não há como negar que a instituição seja fruto de muito esforço, idealismo e dedicação. No entanto, devo-me ater ao momento político-econômico norteador de ações a nível nacional culminando na criação de muitas outras associações de aposentados como foi descrito anteriormente. Com certeza aí reside a criação da associação investigada. No primeiro boletim veiculado pela AACR em dezembro de 1985, sr. Duílio escreve:

"sem ter onde e a quem recorrer, o aposentado brasileiro só tinha um caminho: se unir e formar um bloco representativo, que tivesse voz ativa e pudesse lutar pelos seus direitos e pela sua dignidade. Foi esse raciocínio que nos levou(...) a fundar(...)

a Associação dos Aposentados de Campinas e Região. (...) já iniciamos uma verdadeira batalha judicial para que todos os aposentados venham receber o que deles foi subtraído, indevidamente, pelo INPS (...). Assim sendo, todo associado tem garantida sua participação em processo judicial que estamos movendo contra o INPS, exigindo a restituição - com juros e correção monetária - de tudo aquilo que deixou de ser pago nos últimos cinco anos, além de uma revisão nos valores dos proventos atuais que ficaram defasados da realidade em função das artimanhas que o INPS usou para calcular os reajustes nos últimos anos".

Sobre a AACR, sr. Duílio responde: "*é uma sociedade que surgiu devido à necessidade que o aposentado tinha e tem até hoje em defender os seus direitos e ter aonde ele possa sempre, consultar em todos os sentidos, o que é a aposentadoria dele, por que não veio o pagamento... Então nós criamos a associação **única e exclusivamente***

com o objetivo de oferecer ao aposentado um lugar onde ele possa usar como uma fonte de informação e de orientação, porque nós orientamos até hoje o que o aposentado deve fazer, ou não deve fazer (...). Nós defendemos os interesses não só dos nossos associados, mas todo aposentado que nos procura. Os aposentados que nos procuram, nós atendemos como se fossem associados e fazemos tudo, tudo para fornecer a ele todas as informações solicitadas"(grifos meus).

A AACR tem como finalidades:

"1- prestar assistência jurídica gratuita aos aposentados, intercedendo junto aos Poderes Constituídos, no sentido de ser realmente proporcionado aos inativos, proventos justos, humanos e iguais para todos; 2- divulgar a Legislação Previdenciária; 3- representar os associados junto a todos os órgãos da Previdência Social; 4- manter constantes e cordiais relações com as Confederações, Federação, e Sindicatos de Trabalhadores e Empregadores, e

com associações cujas finalidades se identifiquem com as suas"⁸⁵.

Quanto à sua estrutura, a AACR conta com uma Diretoria executiva, Conselho deliberativo, Conselho fiscal e Junta de administração. Está estruturada nos seguintes departamentos: Jurídico, Bolsa de emprego, Saúde, Turismo, Social, Seguros e Terceira Idade, Baixa renda e Serviço Social. Funcionários contratados e voluntários compõem o quadro de recursos humanos, sendo que os diretores são, em sua maioria, aposentados que prestam serviços voluntariamente.

No final de 1995, a AACR contava em seu livro de registros, com mais de nove mil e trezentos associados, aposentados de diversas áreas profissionais, porém aproximadamente novecentos inscritos haviam sido cancelados, seja por motivo de falecimento (a grande maioria) ou apenas por afastamento.

Faz-se necessário conhecer mais profundamente a estrutura e o funcionamento da Associação, e perceber como ela trata a questão do lazer de seus associados.

⁸⁵ **Estatutos da Associação dos Aposentados de Campinas e Região**

III- O ESPAÇO DA ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS DE CAMPINAS E
REGIÃO:

PROPOSTAS DE LAZER PARA OS IDOSOS APOSENTADOS

A principal preocupação ao adentrar-me no universo da AACR foi buscar saber como a instituição lida com a questão do lazer. Qual seria a posição de uma associação de aposentados , apresentando como objetivo

"...se tornar um canal representativo, capaz de lutar pelos direitos e pela dignidade de homens e mulheres que deram o melhor de si pelo país e chegaram a um estágio da vida no qual as mais elementares recompensas lhes são negadas"⁸⁶,

em relação ao lazer de seus associados?

Entendo que a força do Movimento de Aposentados concentra-se em questões de ordem econômico-social - reajustes nos valores das aposentadorias, perdas salariais, etc. Sendo assim, até que ponto a luta empreendida por melhores salários, aposentadorias dignas e melhores condições de vida esbarra-se na questão do lazer? Tratando-se de uma associação de aposentados com os objetivos acima descritos, pergunta-se: este tipo de

⁸⁶AACR, *A voz do aposentado*, ano VIII, nº1: ago/1993

instituição deve preocupar-se com o lazer de seus associados?

Ao que parece, a AACR manifesta essa preocupação. Desde o meu ingresso como pesquisadora na instituição, em 1993, havia tomado conhecimento da existência do Departamento de Turismo - portanto, de alguma atividade de lazer - mas interessava saber de que modo a instituição interpreta a questão do lazer, como esse lazer ocorre (ou não ocorre) na Associação.

Nessa busca, encontrei algumas contradições no interior do discurso da própria instituição refletidas na sua prática, levando-me inclusive a questionar os propósitos do "oferecimento" de lazer aos aposentados pela AACR. Pude contar com a boa vontade dos funcionários e voluntários em auxiliar-me a encontrar possíveis respostas.

O lazer na Associação dos Aposentados de Campinas e Região: propostas

Um primeiro momento da investigação foi detectar, nos documentos produzidos no interior da instituição, alguma referência à questão do lazer, ou mesmo alguma proposta elaborada de atividades de lazer para os associados.

Na leitura dos Estatutos da AACR, cujas finalidades foram descritas no capítulo anterior, não é mencionada a

criação de espaço apropriado para que o aposentado possa desfrutar o seu tempo em atividades de lazer na própria instituição. Os Estatutos não supõem um espaço nem estabelece objetivos a respeito de uma convivência dos associados em torno de atividades de lazer.

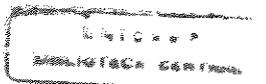
Diante disso, reformulo a questão: por que a AACR propõe lazer aos seus associados ou o que leva a AACR promover lazer aos seus associados? Ainda mais, quais os objetivos dessa iniciativa por parte da Associação?

Prosseguindo a investigação documental, a palavra **lazer** aparece no anteprojeto⁸⁷ do Departamento Social na justificativa deste:

"Levando-se em conta o número de associados que anseiam por atividades que os façam sentirem-se integrados novamente à vida social e coletiva e que o objetivo da Associação é o bem estar físico, mental e social do aposentado, este departamento está sendo criado para oferecer lazer aos nossos associados"
(grifos meus).

Como objetivo do departamento, está a "integração social dos associados aposentados". No item

⁸⁷A elaboração e redação dos anteprojetos foi realizada pela assistente social Roseli.



"funcionamento" do respectivo ante-projeto, estão entre os sub-ítems:

- promoção de bingos
- promoção de festas de época (junina, idoso, natal, etc)
- promoção de bailes
- promoção de chás beneficentes em favor do departamento de baixa renda
- promoção de lazer** - que compreende: jogos, leitura (criação de uma biblioteca), gincanas, festivais, campeonatos, teatro para idosos e outras atividades de interesse do associado, que possam ser desenvolvidas na própria sede e sempre em conjunto com outros departamentos (grifos meus).

Primeiramente, o objetivo da Associação exposto neste anteprojeto - "bem estar físico, social e mental do aposentado" - não identifica-se com os objetivos citados anteriormente⁸⁸. Sendo este departamento criado para "oferecer lazer" aos associados, pretende-se assim atingir esse objetivo? Dessa forma, lazer seria responsável pelo bem estar do indivíduo ou pela integração social dos associados?

Talvez aí resida alguma chave para o entendimento do lazer na AACR...

Quanto aos sub-ítems mencionados, estes aparecem desconectados do sub-ítem grifado - "promoção de lazer".

⁸⁸Ver os objetivos expressos no Estatuto da AACR colocados no 2º capítulo página 81.

Numa primeira análise pode-se entender que bingos, festas de época, bailes e chás não são consideradas atividades de lazer por não estarem incluídos no sub-ítem "promoção de lazer".

O Departamento Terceira Idade, Baixa Renda e Serviço Social, justifica-se no seu anteprojeto na medida que

"a Associação é um órgão de defesa do aposentado e preocupada com a redução do benefício concedido pelo INSS, tanto para os aposentados como para quem irá se aposentar, idealizou um departamento responsável pela prevenção à aposentadoria, oferecendo orientação, informação e esclarecimento ao indivíduo que necessitar e será também um meio de oferecer uma fonte alternativa de renda ao aposentado carente⁸⁹, ou não, e criar condições para que o idoso, na sua aposentadoria, possa sentir-se integrado à vida coletiva".

⁸⁹O referido anteprojeto prevê, no seu ítem "funcionamento", os sub-ítems "promoção de cursos de trabalhos manuais, como fonte de renda alternativa e laborterapia" e "promoção de bazar com os trabalhos feitos pelos associados, sendo que a renda será revertida para o próprio grupo e departamento".

Um sub-ítem do ítem "funcionamento", propõe "lazer em conjunto com o departamento social" (grifo meu). De acordo com a justificativa e objetivos do anteprojeto - "atendimento ao aposentado carente ou não, e ao indivíduo não aposentado que necessite de orientação" - este departamento não estaria necessariamente ligado à promoção de lazer. No entanto pode-se interpretar como intenção de trabalho interdepartamental, porém isto está previsto em outro sub-ítem presente em todos os anteprojeto sob a forma de "reuniões interdepartamentais" periódicas. A palavra **lazer** aparece também na programação do "I Curso de Pré-aposentadoria" oferecido pelo Departamento de Terceira Idade, Baixa Renda e Serviço Social em abril de 1993, numa palestra intitulada "Lazer e forma de ocupação do tempo livre".

Quanto ao Departamento de Turismo, este apresenta a seguinte justificativa:

"quando por ocasião da aposentadoria, o indivíduo perde um pouco a objetividade da vida, devido a falta de ocupação e muitas vezes acaba tendo uma redução da auto estima, levando o aposentado a um processo de auto-destruição (inconsciente). A associação preocupada com o bem

estar do associado, tem como objetivo integrá-lo novamente à vida em grupo e, uma das formas de conseguir esta integração é através de programas de viagens pelo sistema de excursão".

São objetivos desse departamento:

"atender ao associado e seus dependentes legais, oferecendo-lhe viagens, com custo reduzido".

No item "funcionamento", aparece o sub-ítem

"dentro do ônibus deverá haver atividades que possam entreter os passageiros durante a viagem".

Cabe aqui um comentário antes de seguir adiante na busca e análise de referências ao lazer nos documentos da AACR.

Refiro-me a concepções de aposentadoria subjacentes às justificativas dos anteprojetos apresentados. Começando pelo anteprojeto do Departamento Social, a aposentadoria aparece como um estado ou momento da vida, conferindo ao indivíduo uma "desintegração" social e seria necessário atividades (no caso lazer) que os tornassem novamente integrados à sociedade.

A mesma concepção aparece no anteprojeto do Departamento de Terceira Idade, Baixa Renda e Serviço Social. Atividades laborativas, participação em cursos e

palestras, acesso a novas informações e novas formas de recursos financeiros advindos dessas atividades garantiriam ao aposentado a integração à vida coletiva, como se a aposentadoria conferisse ao indivíduo a condição de isolamento. Além disso, quanto à responsabilidade do departamento pela "prevenção à aposentadoria", parece identificar a aposentadoria como se fosse um mal ou doença, necessitando ser prevenido, evitado.

Quanto ao anteprojeto do Departamento de Turismo, a idéia de aposentadoria presente também apresenta esta fase como um grande mal, trazendo ao indivíduo perda de objetividade, baixa estima e auto-destruição, devido à "falta de ocupação". Isso reflete a idéia de que seria necessário o preenchimento desse tempo desocupado com atividades - no caso a participação em programas de viagens - com o objetivo de reverter essa situação (como se isso fosse possível!), além de atingir determinado nível de bem estar e novamente a integração à vida coletiva. A necessidade do preenchimento do tempo do aposentado com atividades "que possam entreter os passageiros" torna-se uma obrigação durante a viagem, como foi exposto no sub-ítem do anteprojeto acima descrito, assunto que será melhor focado no quarto capítulo.

Mais uma chave para a compreensão do lazer na AACR?

Diante disso, impossível evitar questionar qual o entendimento da Associação sobre **aposentadoria**. As palavras acima descritas refletem antes um desentendimento da questão. Não obstante, representam também um pré-conceito baseado na generalização de que a aposentadoria seria uma identidade totalizadora, apagando todos os aspectos diferenciadores presentes na vida dos indivíduos aposentados. Essa concepção aproxima-se da discussão travada no primeiro capítulo em que a aposentadoria representaria um período negativo, repleto de tristeza, dificuldades e perdas (trabalho, utilidade, objetivos). Além disso, esses conceitos não representam na totalidade a idéia que os aposentados têm de suas aposentadorias, pelo menos dos sujeitos entrevistados, como foi visto no primeiro capítulo.

Outros documentos analisados foram os boletins e informativos veiculados pela AACR aos seus associados. Após quatro meses de sua criação, a Associação publicou um informativo onde manifestava alguns anseios em relação a outros aspectos da vida do aposentado:

**"nossa meta porém é mais arrojada
pois pretendemos chegar a 30.000
associados, numa região que vivem
mais de 100.000 aposentados.
Quando atingirmos essa meta,
pretendemos mudar a sede social
para um local amplo e mais**

adequado, com biblioteca, cursos de orientação para a 3ª idade, excursões turísticas, colônia de férias e casa de repouso"⁹⁰.

Em novembro de 1986 foi lançado o 1º número do "A Voz do Aposentado", um boletim da Associação, atualmente publicado sem periodicidade estabelecida. Todos eles dedicam um pequeno espaço para a divulgação de notas sobre lazer ou sobre o Departamento de Turismo. São dicas de lugares da cidade de Campinas para serem visitados e informações sobre as cidades que o Departamento de Turismo organiza ou pretende organizar excursões.

A criação, implementação e funcionamento dos departamentos merecem atenção especial nesse estudo. Principalmente aqueles que fazem referência à promoção de lazer do associado: Departamentos Social, Departamento Terceira Idade, Baixa Renda e Serviço Social e o Departamento de Turismo.

O idealizador dos departamentos foi o fundador e presidente da Associação - o Sr. Duílio. De acordo com ele,

"levando-se em conta que os recursos existentes para quem é aposentado são deficitários, nossa Associação criou

⁹⁰AACR, boletim nº1

departamentos para amenizar os problemas causados pela aposentadoria"⁹¹.

Em 1987 foi divulgado um informativo esclarecendo algumas especificidades de cada departamento, com a seguinte justificativa:

"nossa Associação tem pressa para crescer, somos aposentados e não podemos esperar muito tempo para usufruir os benefícios que ela pode nos dar. Para isso, criamos dez departamentos independentes, com vida própria...".

Nesse informativo, constam os seguintes departamentos: Jurídico, Bolsa de emprego, Saúde, Turismo, Divulgação, Social, Político, Relações Públicas, Terceira Idade e Baixa Renda.

Analisando essas citações, chego ao momento de questionar os objetivos da criação destes departamentos. Se departamentos foram estruturados com a finalidade de "amenizar os problemas causados pela aposentadoria", encontro primeiramente uma concepção de aposentadoria ligada apenas aos seus aspectos negativos como foi descrita anteriormente. Então pergunto: departamentos são capazes de tal finalidade? Não seria demasiada atribuição de poder a departamentos que funcionam

⁹¹AACR, Informativo mimeografado redigido pelo sr. Duílio.

"independentemente"? De acordo com os itens previstos nos Estatutos, seria necessário a criação de tais departamentos? Respondendo às finalidades da AACR previstas nos Estatutos, não seriam necessários apenas departamentos ligados à questões jurídicas?

Roseli, a assistente social da AACR, em uma de nossas conversas revela dados importantes sobre objetivos da existência desses departamentos. "A Associação, ela não poderia viver só de aposentadoria. Só de resolver os casos de aposentadoria. Porque senão ela teria vida curta. Porque ele (sr. Duílio) acha que de certa forma, ia chegar a um ponto que, ia, os problemas no INSS iam acabar sendo resolvidos, e aí qual seria o destino da Associação? Não existiria um porquê dela continuar existindo, tá. Então ele começou a ver, dentro do aposentado, e ele na condição de aposentado as coisas que poderiam ser úteis para o aposentado. Na verdade, eu acho que ele queria que a Associação fosse um mini-SESC, vamos dizer assim, tá. Mas como ele estava idealizando todos os projetos, não seria de forma alguma. Então os departamentos, o objetivo dele, foi mais nesse sentido. Para que a Associação não se perdesse em nenhum momento".

Creio agora ter encontrado elementos fundamentais para o meu entendimento da questão do lazer na AACR. No entanto, discutirei com mais detalhes posteriormente.

Prosseguindo na descrição dos departamentos, ao que

parece, nem todos entraram em funcionamento imediatamente. Alguns nem chegaram a ser implantados. Sobre a implantação dos departamentos, Roseli declara: *"quem idealizou foi o Sr. Duílio. Quando eu entrei, em 90, a primeira vez lá, existia um proposta de criar esses departamentos. O Sr. Duílio, a única coisa que ele não tinha era a estrutura, como que iria funcionar. Fiz o esboço de todos. Eu estruturei, coloquei objetivo. Na verdade, eu implantei os departamentos (...). A idealização acho que foi logo na criação da Associação, em 87. Mas eles foram apresentados aos sócios passou a ser em 90"*.

Sobre o Departamento de Terceira Idade, Baixa renda e Serviço social, este desenvolveu apenas algumas atividades daquelas previstas no ante-projeto. Foi no ano de 1993, nos dois cursos de pré-aposentadoria oferecidos pela AACR. Segundo Roseli, *"a Associação começou a prestar um certo tipo de apoio às pessoas que ainda não se aposentaram. Que é toda aquela seção dos cursos de pré-aposentadoria, que a gente está resolvendo, resolvendo não, mas pelo menos tentando resolver as dificuldades que eles tinham junto ao INSS"*.

O item mencionado no ante-projeto deste departamento, em relação à promoção de lazer não foi em momento algum realizado.

Quanto ao Departamento Social, este entrou efetivamente em funcionamento em 1992 em relação à

promoção de lazer, com a realização de dois bingos na sede da AACR, e um chá-bingo promovido pelo departamento e realizado na Igreja do N.S.Bonfim.

Da mesma forma, esse departamento não obteve êxito na realização das suas atividades. Em 1993, houve tentativas de se fazer um campeonato de damas, mas este não aconteceu por falta de inscrições. Em dezembro do referido ano, foi oferecido um baile para os associados no Clube do Jardim Aurélia (a Associação possui uma sede grande, mas não há saída de emergência), porém, a participação dos associados foi mínima, e o restante dos convites foi vendido à comunidade desvinculada da AACR.

A respeito disso, diz Roseli: *"tudo isso está gerando uma desmotivação na Associação, pois os aposentados reivindicam e não comparecem. Houve uma reunião dia 29 de outubro (1993), que foram convocados 75 associados e só compareceram 5. São 8.000 associados! A Associação está preocupada com a participação dos aposentados e não sabe o que fazer mais para chamá-los a participar"*.

De acordo com as palavras de Roseli, a Associação está desmotivada devido à pouca participação dos associados em atividades. O não comparecimento dos aposentados ocorre não somente em atividades de lazer propostas pelo Departamento Social como também em reuniões para discussão de assuntos supostamente interessantes aos associados. Diante disso, percebo que

a prática (de não comparecimento) dos aposentados na AACR acaba revelando a fragilidade das relações existentes entre instituição e associados no tocante à essas questões.

Na busca de uma resposta para essa preocupação, a assistente social declara que *"durante quase oito anos o forte da Associação foi o Departamento Jurídico com o objetivo de brigar pelo salário do aposentado (...) os aposentados estão acostumados a ver a Associação como um órgão corretivo, curativo, e não preventivo. Quando surgem propostas na área social, não se acostumam, acham que não é função da Associação. Não conseguem enxergar que aqui é um espaço para o lazer. A Associação está com a intenção de realizar bailes mensais para mudar essa imagem. Os aposentados acham que bailes devem acontecer no SESC, jogos de damas nas praças, etc. Não sei se a maneira como as coisas são propostas está correta, pois tentamos chamar os aposentados e não estamos vendo resultados"*.

As últimas palavras de Roseli reiteram minha afirmação quanto à relação entre aposentados e a AACR. Talvez seja essa uma possível resposta: a forma como as propostas estão sendo colocadas aos associados. Tudo isso pode evidenciar uma determinada falta de compreensão daqueles que realizam as propostas. Ao meu ver, as ações empreendidas pela AACR ocorrem de maneira muito diretiva. A instituição se vê como opção de lazer

para o aposentado. O aposentado, ao que parece, não tem essa visão.

Quanto à dificuldade dos aposentados em "enxergar" a AACR como um espaço de lazer, acredito que se deva à função precípua da instituição: assuntos jurídicos. É essa a imagem da AACR que o aposentado tem. É essa a causa do ingresso da maioria dos aposentados. Ainda não entendo por que a AACR quer mudar essa imagem. E pergunto: bailes mensais, mais atividades de lazer conseguiriam tal feito?

Diante dessa situação, a Associação continuou ainda tentando congregiar os seus associados, da perspectiva de que estes deveriam também contribuir na construção das propostas na área social e de lazer. Em dezembro de 1993, foi publicado no boletim "A voz do aposentado" a seguinte nota:

"Chegue junto: O Departamento Social está preparando várias atividades de lazer, como campeonatos esportivos, bailes e projetos para a terceira idade. Mas precisamos que você nos procure, para ajudar na organização e contribuir com sugestões"⁹².

No entanto, não houve procura.

⁹²AACR, ano VIII, nº 02, dez/93

Em contrapartida ao relativo fracasso do Departamento Social, o Departamento de Turismo encontrase em plena atividade desde a sua implantação⁹³, realizando viagens todos os meses. No boletim "A voz do aposentado" de novembro de 1990 consta a seguinte nota:

"a Associação visando o bem estar dos associados, desenvolveu o departamento de turismo e lazer, que tem por objetivo promover passeios curtos aos domingos, sempre a preço de custo; e, ciente da situação econômica de seus associados, resolveu também financiar estes passeios em até três vezes sem juros"⁹⁴.

No início, essas viagens duravam apenas um dia, eram as chamadas "domingueiras". De acordo com Roseli, *"a receptividade deles (os aposentados) foi tão boa, que eles próprios começaram a exigir da gente viagens mais longas. Então, daí começamos com viagens que saíam no sábado e voltavam no domingo. E hoje você vê que tem viagens que saem na quinta e voltam no domingo"*.

D. Francisca, a primeira voluntária a trabalhar no Departamento de Turismo, conta como foi o início do trabalho: *"Nós começamos convidando os associados a*

⁹³A estruturação do Departamento de Turismo se deu na realidade em 1992. Anterior a essa data, ocorriam algumas viagens oferecidas pela AACR, mas sem uma frequência estabelecida.

⁹⁴Grifos meus. O nome do departamento no ante-projeto é apenas Departamento de Turismo.

fazer um viagem a Poços de Caldas. E o pessoal todinho aceitou. Logo na primeira viagem que nós fizemos, o pessoal aceitou a fazer a viagem, e de lá prá cá, sempre viajando, sempre. Foi bom, foi ótima a primeira viagem e todas as outras".

Quanto ao seu funcionamento, o Departamento de Turismo conta com voluntárias que mantém convênios com pequenas empresas de ônibus, hotéis e restaurantes, na busca de preços acessíveis. Então telefonam aos associados convidando para participarem das viagens. Aos aposentados associados são oferecidos preços mais baixos e, dependendo da viagem, condições de pagamento. O Departamento de Turismo estende as suas atividades aos dependentes e amigos dos associados, aposentados ou não, mesmo não sendo filiados à AACR, a um preço um pouco mais elevado, com o objetivo de cobrir algumas despesas e angariar fundos para a manutenção do próprio departamento⁹⁵.

O que se nota é que esse departamento está atingindo os seus objetivos na medida em que está conseguindo realizar viagens mensalmente, algumas vezes até duas por mês, mas infelizmente não consegue atingir a grande maioria dos associados. Quanto ao público alvo dessas viagens, D. Francisca afirma: "*olha, são as pessoas de poder aquisitivo um pouco melhor, lógico. Porque quando*

⁹⁵No anteprojeto do Departamento de Turismo encontra-se no item "funcionamento" o seguinte sub-ítem: "este valor pago a maior pelos não sócios, será destinado a gasto com o departamento e custeio de viagem a associados carentes, ou seja, que recebam benefício igual a 1 salário mínimo".

tem pessoas mais pobres que queiram fazer uma viagem, a gente dá de cortesia.(...)viagens tipo Poços de Caldas, Serra Negra, Monte Alegre, essas viagens curtas a gente proporciona para essas pessoas que não podem pagar, porque são carentes mesmo. Então a gente leva prá passear com a gente".

Embora sejam oferecidas essas passagens de cortesia, são em número bem reduzido (uma ou duas dependendo da viagem) atingindo uma parcela ínfima do total de associados. Mesmo porque os convites são realizados em sua maioria através de telefonemas, e justamente os associados carentes não possuem aparelho telefônico.

Os convites também ocorrem via cartazes afixados na sede da AACR e pequenos bilhetes distribuídos pelos departamentos constando a programação das viagens. No entanto, se o comparecimento dos aposentados à Associação não se faz de maneira efetiva, são poucos⁹⁶ os que têm acesso à esse tipo de informação.

Estes fatores, ao meu ver, limitam muito a iniciativa do Departamento de Turismo.

A "nova" diretoria e a preocupação com o lazer dos associados

No início de 1995, uma nova diretoria passou a administrar a AACR. Este fato representou um momento

⁹⁶Em relação ao número total de associados.

muito importante para a instituição em vista da desativação de alguns departamentos e falta de motivação dos funcionários e voluntários em relação ao funcionamento destes. Não obstante, essa mudança pretendeu representar um novo modo de encaminhar a questão do lazer dentro da Associação.

O fator principal da formação de uma nova diretoria e o estabelecimento de um novo presidente⁹⁷, se deu pelo fato de haver desentendimentos entre o então presidente sr. Duílio e os diretores devido à implantação de um plano de saúde privado próprio da AACR⁹⁸. Sr. Duílio pretendia transformar a sede da AACR em um local onde se pudesse realizar consultas em uma sala como se fosse uma espécie de ambulatório. Até onde pude investigar⁹⁹, este plano, proposto pelo sr. Duílio, acarretaria gastos surpreendentes no orçamento da Associação, desagradando a diretoria e alguns funcionários da instituição.

De acordo com o então presidente da AACR, sr. Gilberto, pode-se dizer que, com a implantação da nova diretoria, ocorreram mudanças significativas na forma de atuação dos dirigentes da Associação. *"Agora todos os diretores participam. É um conjunto que participa e faz as suas atribuições em cada setor. Antigamente era*

⁹⁷Sr. Gilberto já pertencia à diretoria. Não houve participação dos associados na eleição do novo presidente. Quanto à alternância do poder na AACR, não foi divulgado a forma como foi realizada. Ao que parece, ocorreu uma pressão muito forte para que sr. Duílio deixasse o cargo.

⁹⁸O Departamento de Saúde funcionava no estabelecimento de convênios médico-hospitalares a preços reduzidos aos associados.

⁹⁹O assunto da mudança da diretoria foi evitado pelos funcionários e voluntários da AACR.

somente o sr. Duílio que determinava as coisas. Hoje não, o presidente tem realmente uma responsabilidade, mas distribuiu cargos para os diretores (...) Então, a intenção dessa nova diretoria realmente é fazer não só processos, só atividades jurídicas ao associado, e sim descontração e lazeres também".

Quanto a intenção da nova diretoria explicitada nas últimas palavras do sr. Gilberto, não vejo mudanças em relação à diretoria anterior e às propostas do sr. Duílio. Daí as aspas aplicadas à nova diretoria: o que mudou significativamente? Talvez o fato de agora os diretores estarem atuando nos distintos departamentos, o que não ocorria na gestão do sr. Duílio.

Modificações na estrutura espacial da Associação aconteceram com a criação de cinco salas com o objetivo dos departamentos trabalharem individualmente. Segundo sr. Gilberto, "o pessoal que vem aqui, ele verifica essa modificação toda. Então ficou uma associação aconchegante, não ficou só um barracão".

Em relação aos departamentos, não se encontra mais em funcionamento o Departamento Terceira Idade, Baixa Renda e Serviço Social.

O Departamento Social foi reativado, com a presença de um diretor (como aconteceu com os demais), para assumir a responsabilidade das atividades e auxiliar os voluntários. Sr. Humberto, diretor do Departamento Social, declara: "a Associação está procurando fazer

tudo o que pode para defender os interesses do aposentado. Oferecer um lugar para reunir, ter um lugar para conversar, bater papo. Fico triste de ver a Associação cheia de aposentados para serem atendidos pelo Departamento Jurídico, para entrar com processos contra o governo. Temos que trazer estes aposentados para cá, para os outros departamentos".

Dessa perspectiva, o Departamento Social ofereceu no ano de 1995 algumas atividades de lazer, com relativo sucesso. Foram oferecidas duas palestras sobre "controle mental", resultando em um curso sobre o mesmo tema; chás-bingo, com arrecadação mínima, apenas para cobrir os gastos com os brindes; e um jantar dançante típico alemão, com a participação de 82 pessoas, sendo apenas 30% deles aposentados associados.

De acordo com sr. Humberto, "estamos fazendo tudo isso em benefício do aposentado. Vamos tentar dar alguma coisa para o pessoal na área do lazer. Mas tem que haver um equilíbrio, pois temos aposentados de diferentes níveis financeiros. Tem aqueles que podem gastar um pouquinho mais e aqueles que não têm quase nada, recebem um salário mínimo".

As falas do sr. Humberto apontam elementos importantes para serem analisados e questionados.

Refiro-me primeiramente aos "interesses do aposentado" os quais a Associação busca defender. Um espaço para atividades de lazer pode representar

interesses do associado. No entanto creio que essa deve ser uma das linhas de atuação de uma instituição representativa, e não a única preocupação. Nessa discussão, recorro os objetivos principais da AACR expressos nos seus Estatutos.

Estranha-me ainda um diretor de uma associação de aposentados "ficar triste" ao ver o Departamento Jurídico cheio de associados à espera de atendimento, uma vez que sua tristeza reside no fato desses indivíduos não estarem às portas do Departamento Social, participando das atividades de lazer propostas.

Percebo também na fala do sr. Humberto e anteriormente em uma fala de Roseli¹⁰⁰ uma certa oposição entre os departamentos Social e Jurídico. Sr. Humberto deseja ver os associados no seu departamento, Roseli deseja mudar a imagem da AACR na intenção de transformá-la num espaço de lazer.

Mesmo diante dessas iniciativas do Departamento Social, é o Departamento de Turismo que mais movimenta o lazer do associado da AACR, e por sua vez, o mais movimentado, depois do Departamento Jurídico.

O Departamento de Turismo, conta também com a presença de um diretor, sr. José Luiz. Quanto ao funcionamento do departamento, após a formação da "nova" diretoria, declara: "*... nós assumimos porque viemos de uma nova diretoria, então precisava ter alguma*

¹⁰⁰Alguns meses após a mudança da diretoria, Roseli deixou de trabalhar na AACR.

responsabilidade a mais. Tomar conta da responsabilidade da viagem. Por exemplo, sai uma viagem para longe, então precisa ter alguém prá responder que seja praticamente uma pessoa responsável pela Associação. Como a dona Francisca é voluntária, se houver algum problema na estrada, qualquer coisa com a fiscalização, ela não tinha como se identificar, ela sendo uma voluntária, né".

Em relação aos associados participantes das viagens promovidas pelo Departamento de Turismo, sr. José Luiz revela ser um pessoal selecionado. "Nós procuramos pelo fichário as pessoas que são aposentadas não com um salário tão baixo, que possa pagar. Então é escolhido no fichário aquelas pessoas que têm condições de viagem, e já vimos fazendo isso há muito tempo, sempre quase que as mesmas. Aumenta, de vez em quando, aumenta mais alguém. Um vai convidando o outro(...)".

Quanto aos aposentados carentes, "na medida do possível, nós oferecemos cortesia. Sempre aquele aposentado que a gente conhece, um ou outro a gente oferece uma cortesia. Não sempre, porque o departamento ainda não tem fundos prá garantir a viagem porque são viagens caras, né (...). Aquele que não pode pagar muito, vai na domingueira, né. Nem todos podem".

Um mês após a entrevista com sr. José, em visita à AACR, conversei com dona Edna¹⁰¹, também responsável pelo

¹⁰¹Dona Edna pertence à diretoria da AACR.

Departamento de Turismo. Esta alegou o término das passagens-cortesia: *"agora só viaja quem pode"*. Percebo nessa atitude uma postura autoritária do Departamento que, teoricamente, tanto visa o bem-estar do aposentado.

Um fato curioso ocorrido na AACR foi a colocação de uma placa escrita "Departamento de Turismo e Lazer" na porta do Departamento de Turismo. Esses dizeres instigou-me a perguntar junto ao sr. José Luiz se haveria ocorrido alguma modificação no referido departamento. Além do fato do diretor desconhecer o anteprojeto do Departamento de Turismo, declarou não ter sido idéia sua: *"quando foi feito as repartições, eu pedi que as salas deviam ser anotadas. Mas acho que não há diferença também, por quê? (...) eu não acho que houve modificação. Porque turismo e lazer é a mesma coisa"*.

Se são a mesma coisa, por que turismo e lazer(social) estão em departamentos distintos?

Sr. José responde que bingo, bailes e outros não são realizadas pelo Departamento de "Turismo e Lazer", pois essas atividades referem-se ao *"...Departamento Social, que cabe ao Humberto. Aqui apenas é o Departamento de Turismo. E o Departamento Social, lazer, esse negócio todo, é o Humberto. (...) poderia ser unido. Mas para não acumular muito cargo para mim, e outro diretor ficar sem nada, então foi dividido, ele cuida de uma coisa e eu cuido só desse aqui"*.

Devo anotar que os departamentos não foram divididos como disse sr. José; sempre foram separados desde suas criações, como já foi colocado. Não obstante, a fala do diretor do Departamento de Turismo e as observações empreendidas por mim demonstram a falta de conexão entre departamentos que apresentam um elemento em comum: o lazer. Mais ainda, pode evidenciar até um desentendimento do que seja esse elemento.

O lazer na AACR: afinal, o que significa?

A busca do entendimento da questão do lazer no interior da AACR colocou-me diante de muitas questões... Não pretendo respondê-las, mas antes refletir a respeito dos elementos que levam-me a questionar os propósitos do lazer na Associação.

As perguntas elucidadas no decorrer desse capítulo constituem a base do raciocínio do item agora proposto.

Buscar saber como a AACR lida com a questão do lazer é se deparar com a própria finalidade dessa questão no interior da instituição. Ao encontrar os objetivos das propostas de lazer explicitados nos documentos produzidos pela Associação e no discurso dos dirigentes entrevistados, encontro também implícitas algumas contradições, revelando-me a fragilidade do próprio discurso. O lazer do ponto de vista da AACR assume

então significados diferentes daqueles enunciados pelos documentos analisados.

Os elementos oferecidos pelos documentos apontados anteriormente - "bem estar físico e social", "integração social dos associados", "preenchimento do tempo desocupado", "prevenção aos males da aposentadoria" - revelam parcialmente a intenção da Associação em proporcionar lazer aos seus associados.

Digo isso porque encontro dificuldades em visualizar o lazer dando conta desses objetivos na instituição, aliado à pouca frequência dos aposentados nas atividades realizadas pelo Departamento Social e à pequena participação dos mesmos nas viagens oferecidas pelo Departamento de Turismo.

Esses fatores abrem algumas possibilidades de entendimento da questão que busco insistentemente saber.

O que está por trás dos objetivos da AACR em oferecer lazer aos seus associados?

A finalidade da criação dos departamentos revelada por Roseli em uma de suas falas, auxilia-me na resposta à essa questão. *"A Associação não poderia viver só de aposentadoria. Porque senão ela teria vida curta"*. Departamentos então estariam configurados como uma forma de sobrevivência financeira da Associação. Isso pode indicar que o oferecimento de atividades de lazer tais como viagens, propiciariam determinado retorno

financeiro à instituição, impedindo a sua "morte precoce".

É Roseli ainda quem me dá outro fator importante acerca da intenção dos departamentos: a transformação da Associação em um "mini- SESC". Que tipo de disputa social estaria travado entre instituições distintas que manifestam interesse no lazer de velhos aposentados? Por que a AACR precisa fazer com que os associados a "enxerguem" como espaço de lazer?

Sabe-se que um considerável número de pessoas na "terceira idade" freqüentam as atividades oferecidas pelo SESC, tornando-o um centro reconhecido a nível nacional em lazer para essa faixa etária. A analogia ao SESC feita pela AACR sugere que a intenção do sr. Duílio era a aquisição de um certo "status" social, colocando a Associação em convivência direta com as demais instituições que trabalham nesta área. Eu diria convivência cerceada por disputa (da parte da AACR¹⁰²) em angariar o máximo de indivíduos participantes de suas atividades, havendo, se possível, repercussão fora da Associação.

Dessa forma, o lazer estaria mascarando os objetivos expostos nos documentos, levando-me a interpretá-lo como um instrumento para atingir fins interessantes à própria

¹⁰²A respeito disso, o diretor do Departamento de Turismo citou em entrevista. "domingo passado fomos para Monte Alegre. Preço baixo, baixo. Enquanto o SESC levou três ônibus, nós levamos dois".

Associação. O lazer assim transforma-se em produto a ser vendido aos associados.

Por outro lado, aparece na intenção do lazer da AACR um elemento citado várias vezes em seus documentos: a ocupação do tempo do aposentado. O exemplo do anteprojecto do Departamento de Turismo ilustra bem essa situação: a obrigatoriedade de atividades que possam "entreter os passageiros" durante as viagens, assunto a ser desenvolvido no próximo capítulo.

V-A PARTICIPAÇÃO DOS APOSENTADOS NO LAZER:

AÇÕES E SIGNIFICADOS

No capítulo anterior, foram apresentadas as iniciativas e propostas de ações no lazer por parte da AACR. Interessa agora perceber mais detidamente como se dá a participação do aposentado no lazer oferecido pela instituição. Dessa forma, buscar entender como esse lazer é concebido pelo associado e qual o significado dessa participação.

Analisarei primeiramente e com mais atenção a atividade de lazer acontecendo mais freqüentemente na Associação: o turismo.

Pode-se dizer que o turismo é um conjunto de atividades, pois uma simples viagem "domingueira", pode proporcionar aos participantes várias opções de lazer. Isso quer dizer que a viagem oferece a possibilidade de todo um universo de acontecimentos em torno do espaço visitado podendo ou não resultar numa troca entre visitante e visitado, que pressupõe uma dinâmica cultural segundo Durhan, entendida como o

"... processo permanente de reorganização das representações na prática social..."¹⁰³.

Em nossa sociedade, o sistema dominante de turismo ou o que poderia ser chamado de turismo convencional,

¹⁰³Eunice Ribeiro DURHAM, *A dinâmica cultural na sociedade moderna*, p. 34.

vendido pela indústria do lazer, busca prioritariamente atingir as pessoas com maior poder aquisitivo. Isto é detectado através das formas de propaganda veiculadas pelos principais meios de comunicação: pacotes caros, passagens aéreas, hotéis 5 estrelas, conforto, etc. Tudo associado a imagens e locais de grande beleza e fama.

Dessa forma, é disseminada a idéia de que as classes mais baixas economicamente não teriam acesso a essa atividade de lazer, ou mesmo que o turismo não se configuraria como atividade de interesse dessas pessoas.

Concordo com Macedo e Figueiredo ao afirmarem que para compreender

"... a dinâmica cultural na sociedade moderna, é preciso levar em conta que a heterogeneidade dos estilos de vida se refere à estrutura de classes, porém essa determinação não se configura de forma mecânica"¹⁰⁴.

A forma de apropriação do lazer apresenta-se também condicionada pela estrutura sócio-econômica da população, no entanto é necessário entender a respeito da forma como esse lazer, no caso específico do turismo, ocorre na vida dessas pessoas.

¹⁰⁴Carmem Cinira de Andrade MACEDO e Luis Cláudio Mendonça FIGUEIREDO, *Domingo na praia: a dimensão simbólica do lazer popular*, p. 62.

Imaginar que pessoas de baixo poder aquisitivo não praticam o turismo é uma forma simplista de se pensar não somente essa atividade específica como também o lazer de uma forma geral. Usando as palavras de Oliveira,

"não cabem, portanto, as simplificações de que o lazer, sob a forma de turismo, é prática inacessível às camadas de menor renda, ou mesmo de que o turismo é atividade de interesse secundário para as camadas populares. Trata-se de reconhecer, isso sim, que praticam um tipo de turismo onde os meios se subordinam aos fins, não se hesitando em fazer qualquer tipo de sacrifício (levantar-se de madrugada, enfrentar filas, atrasos, congestionamentos, etc.) para desfrutar de um fim de semana na praia ou no campo"¹⁰⁵.

A diferença reside não somente no acesso à atividade, mas também na forma de consumo desta.

¹⁰⁵ Paulo de Salles OLIVEIRA, *Turismo: atividade cultural de lazer*, p. 7.

Macedo e Figueiredo apresentam uma forma de turismo da população de baixa-renda, realizando excursões de apenas um dia para o litoral paulista, demonstrando que

"...o padrão de ocupação da praia envolve formas concorrentes que estão referidas de um certo modo à estrutura urbana e refletem a transfiguração da praia-natureza em praia-universo da cultura"¹⁰⁶.

Mesmo diante das dificuldades inerentes à condição de classe, esses turistas revelam

"...uma estranha capacidade de retirar das agruras uma perene alegria, que se projeta em esforços de, pelo menos de vez em quando, divertir-se e criar circuitos de felicidade"¹⁰⁷.

A referência à viagem como objeto de estudo sociológico surge, no texto de Andrade, num contexto ampliado onde este fenômeno não se reduz apenas ao turismo¹⁰⁸. A viagem se apresenta sob várias formas, revelando uma pluralidade de significados sociológicos, reconstituindo-se cada vez mais

"...como um novo quadro paradigmático, da vida em geral e

¹⁰⁶op. cit, p. 63.

¹⁰⁷idem, p. 62.

¹⁰⁸Pedro de ANDRADE, *Sociologia da viagem: o cotidiano e seus inter-trajectos*, p. 52.

do lazer em especial, tornando-se o turismo, gradualmente, um caso particular daquela (a viagem) ¹⁰⁹.

Em relação ao que denomina "viagem de lazer", Andrade coloca como sendo seu principal atributo a sociabilidade

"...associada ao prazer muitas vezes inerente a essa sociabilidade" ¹¹⁰.

A ocorrência dessa intimidade entre os viajantes se faz devido à ruptura com a rotina, a comunidade de impressões e de acontecimentos e pela percepção consciente da duração temporal. Uma segunda característica da viagem de lazer, é a relativa excepcionalidade da relação espaço-tempo.

"Se as práticas repetitivas das viagens de trabalho, de consumo e de poder definem um *quotidiano rotineiro* e regulado, também existe um dia-a-dia alternativo, no espaço e no tempo, um *quotidiano de exceção*" ¹¹¹.

¹⁰⁹idem, p. 53.

¹¹⁰ibidem, p. 60.

¹¹¹Henri Lefebvre, *La vie quotidienne dans le monde moderne* apud ANDRADE, op. cit, p. 60.

São viagens de lazer os passeios e excursões dos fins de semana, domingos e feriados, bem como a deslocação para a participação e a assistência a desportos.

Uma trajetória menos restritiva, correspondente ao período de férias é denominada pelo autor de "viagem turística"¹¹². Em oposição à lógica tradicional do turismo¹¹³, o autor apresenta uma proposta denominada "turismo crítico", ocorrendo um contato ativo e criativo entre as populações (visitantes e visitadas), na perspectiva do turista encontrar-se

"...mais encorajado para a descoberta de novos valores nas sociedades de chegada, numa base menos mistificante"¹¹⁴.

Oliveira, citando Marc Boyer, assinala uma viagem turística comportar três dimensões: o imaginário, o real e a recordação¹¹⁵. A primeira delas acontece antes mesmo da viagem, quando o turista deixa-se levar pelo sonho, a expectativa, a curiosidade a respeito do local a ser visitado. A segunda dimensão se refere à viagem propriamente dita, as descobertas, o encontro com

¹¹²idem, p. 61.

¹¹³O autor fala dos efeitos da viagem na sociedade de chegada, na perspectiva do turismo tradicional. "Quando o turista chega ao local de férias, na preocupação de fugir às normas e aos ritmos de vida da sua sociedade de origem, tenta viver o que a agência de viagens prometeu, o sonho vendido pela publicidade, o paraíso fabricado. Ese comportamento típico do turista provoca por vezes espanto, outras vezes o riso, ou ainda a agressividade nas populações visitadas. (...) A máquina fotográfica ao ombro responde ao desejo de ver os outros, o estranho, o exótico, de vigiar quando se passou a vida a ser vigiado no trabalho", p. 62. Dessa forma, há uma oposição entre os tipos "turista" e "nativo".

¹¹⁴ibidem, p. 63.

¹¹⁵ Paulo de Salles OLIVEIRA, o. cit, p. 9.

peças e modos de vida diferentes, o contato mais próximo com os lugares e coisas anteriormente imaginados. E a terceira dimensão de uma viagem, o seu prolongamento, significa que a viagem não termina na sua volta.

"Ela deixa cicatrizes profundas no turista, na razão direta do seu desenvolvimento, durante o tempo em que esteve fora"¹¹⁶.

Essas sensações são então socializadas através das narrativas dos turistas, podendo despertar em outros aquela vontade inicial, o sonho de se realizar a viagem, o que seria o retorno à dimensão imaginária.

Oliveira propõe uma forma de turismo como sendo a vivência cultural evidenciada, denominada "turismo sociocultural", em que

"a viagem torna-se, antes de mais nada, uma oportunidade de contatos culturais e toda a dinâmica turística se estabelece em estreita relação com instituições culturais da região visitada"¹¹⁷.

Realizei três viagens com a "turma dos aposentados". A primeira ocorreu em novembro de 1994, a Pocinhos do

¹¹⁶idem, p. 10.

¹¹⁷ibidem, p. 11

Rio Verde (MG), com duração de três dias. A segunda viagem se deu em dezembro do mesmo ano para Aparecida do Norte (SP), com ida e volta no mesmo dia, e de caráter quase que exclusivamente religioso. Viajei pela terceira vez com os aposentados em fevereiro de 1995, quando fomos para Barra Bonita (SP). Na oportunidade, foi realizado um agradável passeio de barco pelo rio Tietê.

A minha participação nas viagens ocorreu na medida da necessidade em perceber como os aposentados organizavam e reorganizavam o seu próprio lazer manifestado através do turismo realizado na AACR. Após as viagens, foram realizadas as entrevistas com os aposentados associados na tentativa de buscar o entendimento do que seria "lazer".

As viagens

Uma euforia caracteriza a espera pela partida. A grande maioria dos aposentados chega ao ponto de encontro (geralmente em frente à sede da AACR) bem antes do horário marcado, muitas vezes antes do ônibus chegar. Este momento é marcado pelas conversas, últimos preparativos, e trocas de informações entre aqueles já familiarizados com o local a ser visitado e os que nunca foram. Homens e mulheres aposentados associados ou não, pensionistas, filhos, netos e amigos compõem a "turma" dos turistas da AACR.

Qualquer que seja o destino das viagens, há sempre um ritual realizado dentro do ônibus, antes mesmo dele sair da cidade. É a oração dos aposentados pedindo proteção em toda a viagem, para iluminar o caminho do motorista a fim de evitar acontecimentos desagradáveis no decorrer do percurso e do tempo que permanecerão fora. A guia sugere a oração do "Pai-nosso", e após cada um realiza uma oração em silêncio.

Terminada a sessão religiosa, dá-se início imediatamente ao bingo. As guias distribuem as cartelas e as canetas aos participantes, cobrando um valor simbólico para arrecadar uma colaboração extra para o motorista. A adesão a essa atividade é significativa, às vezes todos participam. Pequenos brindes são distribuídos aos acertadores da quina e da cartela toda¹¹⁸. A atividade propicia maior motivação na medida da intervenção dos participantes no jogo, pedindo para a guia "cantar mais alto", ou então quando já estão "melados"¹¹⁹, fazem piadas com os números¹²⁰, e se divertem muito. Às vezes permanecem ainda um bom tempo recordando os momentos do jogo ou lamentando a perda. Outra atividade bastante freqüente são as músicas cantadas inicialmente por alguns, transformando o ônibus

¹¹⁸A Associação, por intermédio das guias providencia a compra dos brindes (porta-níqueis, bonecas, agendas de telefone, panetones, etc.).

¹¹⁹A expressão "melado" significa que falta apenas uma pedra para que se ganhe o jogo, quando gritam: "manda a boa!".

¹²⁰Exemplos observados: "uma boa idéia" para o número 51, "pelé" para o número 10, e risadas sobre o número 24.

inteiro numa imensa cantoria¹²¹. Dependendo da duração da viagem, são realizadas uma ou mais paradas.

A chegada ao destino se transforma em outro momento agitado, seja para organizar a bagagem no caso de uma viagem de dois ou mais dias, seja para aproveitar melhor o tempo e o lugar quando se trata de uma viagem "domingueira". A guia estabelece algumas normas ainda dentro do ônibus, como o local e o horário do encontro para a volta, ou os horários do hotel (café da manhã, almoço e jantar), quartos a serem ocupados, bem como passeios previamente programados. Dessa programação participam apenas aqueles os interessados, no entendimento de uma liberdade participativa durante o passeio.

No caso da viagem a Pocinhos do Rio Verde, chegamos ao hotel na sexta-feira à noite, no horário do jantar. Devido ao cansaço decorrente da viagem, a grande maioria se recolheu após a refeição. Alguns assistiam à TV, outros conversavam e liam no saguão, e uns senhores permaneceram na varanda conversando. Fui hospedada junto a uma das guias e uma senhora aposentada, para a qual perguntei no final da viagem se gostaria de participar da pesquisa e respondeu-me que não.

No dia seguinte, fomos visitar uma fábrica de doces em Caldas, cidade próxima a Pocinhos. Essa visita teve

¹²¹Nas viagens as quais eu estava presente, foi a guia quem sugeriu a atividade de cantar. Posteriormente os "turistas" sugerem outras músicas.

um caráter peculiar, não atendo apenas ao objetivo da compra de doces a preços mais acessíveis, nem mesmo ser a fábrica um ponto turístico reconhecido pelos habitantes locais (não oferece beleza em sua construção, o acesso ao local é feito por uma rua sem asfalto). Está presente nessa atividade a oportunidade em conhecer o processo de fabricação dos doces. Como é feito, por quem, a preparação das frutas, enfim, o trabalho realizado em torno da produção dos doces.

O hotel dispunha de uma piscina e dois quiosques, transformados em ponto de encontro de grande parte dos hóspedes, principalmente pela manhã, quando muitos tomaram banho de piscina. Após o almoço, muitos se recolheram a seus aposentos para um rápido descanso. No sábado à noite, foi programada uma visita a Caldas para assistir a um "rodeio", mas muitos desistiram antes um pouco do ônibus sair. Um pequeno grupo se organizou e conseguiu ir. Enquanto isso os aposentados organizaram um pequeno baile na varanda do hotel, e alguns casais foram improvisados para dançar. Um pequeno grupo reuniu-se para jogar cartas e outro assistiu TV. Aqueles que foram ao rodeio relataram não ter sido boa a idéia, pois estava desorganizado, a entrada era paga, e diante disso, todos voltaram imediatamente ao hotel.

Todos os "turistas" visitaram o Balneário da cidade, um dos principais pontos turísticos. No domingo, alguns foram à igreja, e muitos participaram da visita a uma

cascata distante 2 km do hotel. Neste passeio, alguns foram de ônibus e outros à pé. Fiz o percurso juntamente com alguns aposentados na busca de estabelecer contato mais próximo.

A viagem a Aparecida do Norte caracterizou-se por ser um passeio de caráter religioso. Essa viagem foi realizada no dia 08 de dezembro, dia de N.S. da Conceição, a padroeira da cidade de Campinas. Saímos bem cedo, com o propósito principal de assistir à missa da manhã. Não foi estabelecido um roteiro de atividades pelas guias, apenas combinado o horário da volta. Após a missa, todos visitaram o local que se encontra a imagem de N. S. Aparecida. No subsolo da igreja, após a visita à "sala dos milagres", reunimo-nos no refeitório para o lanche, por volta de 12:00h. Neste momento, o grupo foi dividido nas diversas mesas. Observei a não intenção de vários grupos em lancharem todos juntos, ao contrário, preferiam ficar afastados.

Ao lado do aspecto religioso, evidenciou-se o consumo de bens materiais, tanto religiosos quanto outros variados. Nos arredores da "igreja velha", localizam-se dezenas de lojas e barracas vendendo desde santos a brinquedos e utensílios importados, e muitos voltaram para o ônibus carregando sacolinhas das compras.

Finalmente, a viagem à Barra Bonita, um passeio segundo os responsáveis pelo Departamento de Turismo,

muito requisitado pelos associados. O momento principal da viagem seria o passeio de navio por um trecho do rio Tietê, onde seria realizado o almoço. Como chegamos duas horas antes do horário da saída do navio, todos aproveitaram o tempo para conhecer e passear pela cidade. Os principais pontos visitados foram o museu histórico e a feira de artesanato, ambos próximos ao ponto de partida dos navios.

Evidenciava-se uma grande movimentação do grupo a respeito do passeio de navio. Muitos deles já o haviam realizado, e outros nunca tiveram a oportunidade de navegar. O passeio seguiu-se ao som do comandante explicando os aspectos históricos e geográficos do trecho navegado. Após o almoço, servido às 15:00h e ao som de marchinhas de carnaval, muitos se entusiasmaram e ensaiaram alguns passos. Nesse momento, já não havia mais a separação das mesas como no caso do horário do almoço, todos dançavam e conversavam entre si, motivados pelas guias e pela música. Seguiu-se então o momento mais esperado do passeio, a Eclusa. Essa operação consiste em transpor as embarcações de um nível para outro nos lagos formados pelas barragens, permitindo o tráfego pela hidrovia.

Neste momento volto a dois aspectos que me chamaram a atenção nas viagens das quais participei. Procurei observar onde e quando ocorreu mais evidentemente um

maior contato entre visitante e visitado, na busca de perceber alguma forma de troca cultural.

Na viagem à Barra Bonita, visitamos o museu histórico da cidade, como já foi colocado. O local evidenciava fotos de ex-prefeitos, peças de antigos engenhos, , roupas e objetos de pessoas importantes, dentre outros. Grande parte dos "turistas" apreciavam rapidamente indiferentes àquilo que estavam vendo , alguns observavam atentos e comentavam com os demais a respeito das peças e máquinas antigas. As guias apenas acompanhavam, tomando o cuidado de "não perder" nenhum dos integrantes do grupo.

Outro comentário é sobre a visita à fábrica de doces em Caldas, na viagem à Pocinhos do Rio Verde. Observei o grande interesse das pessoas em presenciar o processo de fabricação dos doces. As máquinas eram simples, a produção quase artesanal. Pudemos experimentar os doces ainda quentes, antes mesmo de serem cortados ou envasados. Os visitantes (principalmente as mulheres) perguntavam aos funcionários sobre as receitas, o melhor "ponto" do doce, a procedência do leite e das frutas, entre outras coisas. Uma funcionária ensinava às crianças como colocar ameixas sobre as barras de doce de leite, e algumas crianças tiveram a permissão para ajudar, deixando-as muito contentes.

Trago à tona esses dois exemplos pois busco encontrar manifestações de troca cultural entre visitantes e visitados.

Ao que parece, o segundo caso pode representar melhor esse câmbio, quando percebo ocorrer um contato mais próximo entre visitante e visitado, na busca de interações, mesmo que essa interação seja mediada pela fabricação de doces. Ao contrário da visita ao museu, onde essa troca não se evidenciou, ocorrendo apenas a contemplação dos objetos expostos.

No entanto, acredito que essa troca se realiza de uma forma muito superficial, ocorrendo assim apenas a assimilação de alguns aspectos da cultura local, as quais expressam um determinado modo de vida.

Diante disso, pergunto: que tipo de turismo é praticado pela AACR? A resposta encontro no já citado anteprojeto do Departamento de Turismo cujo objetivo expressa oferecer viagens "com custo reduzido". Assim, o turismo praticado pela AACR reproduz a convencionalidade do turismo em não proporcionar um "turismo crítico", como coloca Andrade¹²², nem mesmo um turismo "sociocultural", de acordo com Oliveira. Esse último autor declara:

"enquanto lazer, o turismo encerra inúmeras possibilidades de conteúdo cultural, nem sempre

¹²²Ver pág. 118 deste capítulo.

exploradas em suas
potencialidades pelo turismo
convencional"¹²³.

Por outro lado, a participação do associado no Departamento de Turismo não é apenas expressa através da viagem. Um exemplo da participação dos aposentados, como já foi dito pelos responsáveis pelo Departamento de Turismo, refere-se à elaboração das viagens. São as sugestões, os convites a outras pessoas não vinculadas à AACR. Segundo dona Francisca, *"eles sugerem viagens prá gente, eles mesmos vêm e sugerem. Às vezes eles viajam com outras pessoas, e trazem prospectos prá gente fazer a viagem para levá-los. Eles mesmos vão atrás de lugar bom, de passeio, fora o que a gente faz, eles ajudam a gente também. Eles participam bastante da programação"*.

Essa participação igualmente efetiva-se através das reclamações a respeito de algum acontecimento nas viagens. Dona Bianca conta sobre uma reclamação realizada: *"já estávamos de frente para o ônibus, tudo pronto para sair, e a guia ainda não tinha chegado, Ela chegou mais tarde. E depois, quando voltamos, a gente já estava cansada, querendo chegar em casa, porque era tarde. Nós fomos em Cachoeira de Emas, um calor que nossa Senhora! Aí alguém achou de pedir pra ela parar em frente a sorveteria Vilanni prá tomar sorvete. Ah, tenha dó!"*.

¹²³Paulo de Salles Oliveira, op. cit, p. 11(grifos meus).

Sem preocupar-se com reclamações, sr. Carlos elogia o Departamento de Turismo: "... a gente fica assim, entrosando, e é uma beleza! Você vê, eu cheguei lá, fui lá fazer negócio do INPS, como é, e a Francisca, ihhhh, ela faz aquela festa danada! E quando é que vai sair outra excursão? Ela fala, logo vai sair, e eu não vou esquecer de telefonar para você e sua esposa! É uma beleza!".

AACR: espaço de lazer?

No segundo semestre de 1995 o Departamento Social, dirigido pelo sr. Humberto, começou a promover nas tardes de sábado na sede da AACR, jogos de bingo denominados "chás-bingo".

O primeiro chá-bingo ocorreu no mês de julho, com a participação de 50 pessoas, sendo 30% associados. Tal como nas viagens, houve a presença de amigos e parentes dos associados, jovens e crianças¹²⁴. As cartelas foram vendidas a R\$0,50 cada e o jogo foi comandado pelo sr. Humberto e dona Francisca, revezando-se na chamada dos números. Após três rodadas, foram servidos chás diversos com bolachas e bolo feito pelas voluntárias. Foram reservados brindes melhores para o final, quando a cartela foi vendida a R\$2,00. Nesta rodada, completei o

¹²⁴Nesta ocasião, não encontrei nenhum dos aposentados entrevistados. Estabeleci contato com a senhora a qual jogou bingo ao meu lado. Passados alguns dias, telefonei e ela então manifestou não querer mais participar da pesquisa.

total de números, porém houve empate e no sorteio acabei perdendo a oportunidade de levar para casa uma sugestiva garrafa de vinho branco alemão. Terminado o jogo, sr. Humberto solicitou aos participantes a sugestão para o próximo encontro, ficando este marcado para o sábado seguinte.

No entanto, algumas semanas após, o chá-bingo foi suspenso das atividades do Departamento Social devido à Prefeitura Municipal de Campinas não conceder o alvará para o jogo, sendo este proibido em vista das apostas serem em dinheiro.

Diante disso, percebo que o lazer ocorrido **na** AACR, proposto principalmente pelo Departamento Social, não alcança seus objetivos. A parcela de associados participante é ínfima diante do número total, contrariando os idealizadores das propostas e responsáveis pelo setor, como já foi colocado no terceiro capítulo.

De uma forma bem direta, poderia dizer que o lazer **na** Associação não se efetiva.

Não pretendo assim tirar o mérito das intenções e propostas de lazer do Departamento Social, porém percebo que o sonho de transformar a sede da AACR em um espaço permanente de lazer fica muito comprometido em vista da pequena procura e participação dos associados.

E é justamente sobre a participação dos associados no lazer da AACR o ponto que ressalto agora. Como se efetiva essa participação?

Tudo indica que o aposentado prefere participar de atividades de lazer propostas pela AACR ocorrendo **fora** dela, ou seja, as viagens, atividade tão exaltada na Associação pelo relativo "sucesso"¹²⁵ alcançado. O aposentado não é um sujeito passivo. O seu não comparecimento pode revelar uma forma de discordância desse lazer da AACR.

Demais dimensões do lazer do aposentado: fora do âmbito da AACR

O que os aposentados entendem sobre lazer? Qual a concepção deles acerca deste fenômeno tão destacado em nossa sociedade? Qual o significado do lazer na vida desses sujeitos?

A maioria dos sujeitos relaciona o lazer à diversão, divertimento, e às atividades que eles gostam ou gostariam de fazer.

Para sr. Romero, *"lazer é uma diversão, é um divertimento, é curtir uma coisa. Uma pescaria que eu gosto, um baile que eu gosto, uma festa, aniversário,*

¹²⁵Relativizo o sucesso devido apenas à constância e frequência das viagens, uma ou duas no mês - ver anexo, por sempre viajar com os ônibus lotados e pela grande movimentação de aposentados em torno do Departamento de Turismo observada. No entanto, como já foi colocado, essa atividade atinge uma parcela muito pequena de associados.

juntar com os amigos, tomar uma cerveja, contar uma piada, tudo isso aí". Dona Janice entende o lazer como "... uma coisa que a gente passeia, não é? A gente vai se divertir, viagem (...) é a gente estar na casa da gente, né, receber uma visita, é um lazer, não é? Receber uma visita, das pessoas que a gente ama, das pessoas que a gente gosta, né...". Declara ser o trabalho a principal atividade de sua vida. "A minha atividade é essa, bem. Com a aposentadoria, ainda não tive assim o prazer de ficar em casa, prá passear, ter aquela vida que muita gente gosta assim. Eu não tive ainda essa oportunidade. Nem posso, né. Não posso nem pensar. (...) Dinheiro impede muita coisa. Muita coisa. Você pensa, que nem agora, fui convidada prá ir prá Caldas Novas, não posso ir. Fui convidada prá ir prá Santos. Não posso ir. Porque eu não tenho dinheiro prá ir. Então quando que você vai ter um lazer, uma viagem, tudo é gostoso, né? E você não pode ir! Não pode, bem!". Além das dificuldades financeiras, dona Janice revela as dificuldades de se divertir sendo viúva. "Não tem lazer porque sozinha, aonde que a gente vai, né? Não tem! Então quer dizer, a única coisa no lazer é a televisão. Isso é. E a televisão, as minhas novelas (...). É, o meu lazer, daqui dentro da minha casa é a televisão". Durante o dia, a dura realidade, à noite, a novela traz um mundo de fantasia e adormece momentaneamente os problemas de dona Janice: "... enquanto você tá ali

assistindo aquelas coisas, o seu pensamento está concentrado ali, né. Aí você esquece dos outros problemas, né?". Problemas considerados como um "tormento" em sua vida, "... que a gente tem que afugentar da mente prá você não ficar doente".

Para dona Ângela, lazer ... "é uma diversão, é estar passando horas distraída, horas diferentes, como numa festa, num cinema... acho que é isso que eu sinto. Eu também gosto de cinema. Eu não pago, porque sou aposentada. Eu vou durante o dia eu vou nas matinê, vou sempre quando tem filme que eu queira ver. E eu acho que isso é um lazer, então porque... a mente está distraída!". Dona Ângela gosta muito de passear, viajar, já já participou de atividades de lazer no SESI e no SESC, freqüentava bailes, e hoje reclama a falta de uma companhia para continuar suas atividades: "Quando eu posso, eu viajo. Já não tenho, como eu falei prá você, eu não viajo mais às vezes por condições monetárias, que a vida tá muito difícil... e também por falta de amigos, assim, que queira viajar... porque amigas eu tenho mas à vezes elas... uma pode, outra não pode e eu quero ir, e a outra não pode, então... eu me abstenho de viajar por falta de companhia, porque a companhia faz muita falta, né? E eu sozinha eu não vou, não sou atirada assim prá ir numa excursão só eu, sem uma companhia".

Sr. Francisco declara gostar muito de viajar, e sente-se muito sozinho devido à morte da esposa, o que

não o permite realizar outras atividades de lazer, como festas e bailes. Lazer para ele é "...muito coisa boa. Porque eu fico dentro da minha casa, fazendo o quê? Minha filha é casada, tem o marido dela, tenho dois netos e ela tem um apartamento em Santos e eu não posso ir em Santos (...). Volto passando mal, sobe a pressão, fico ruim mesmo. Então eu não saio. Eu fico em casa. E quando tem qualquer uma viagem lá dos aposentados lá da Associação, eu fico contente quando eu vou participar, o que eu posso ir eu vou. E vou, vou contente (...). Eu gosto muito de ver no campo, ver animais. Cavalo, vaca, porco. Eu estando lá estou satisfeito. Prá mim não tem diversão melhor do que eu esteja lá mexendo. Eu acho que isso aí é lazer prá mim".

Dona Ana Maria considera ser lazer "...passear, sair, se divertir. Lazer é ter uma vida folgada, uma vida de passeio, de reuniões, de poder sair". Pensando assim, dona Ana Maria não concebe como lazer as atividades realizadas dentro da esfera doméstica, como leitura, bordados e os cuidados com a casa. O lazer é algo ocorrendo fora, num shopping, no cinema, no teatro, nos passeios. Dentro de casa, tem a televisão e as leituras. "Quando você tem um tempinho que você pode parar, né, é gostoso, é bom!". Morando com a mãe, uma senhora de 88 anos, dona Ana Maria se queixa não ter oportunidades de vivenciar o que gostaria daquilo que considera como lazer. "... Se eu não tivesse assim a

obrigação de ficar com a minha mãe e tudo... podia passear, podia ir para um monte de lugar. Mas eu tenho minha obrigação, eu tenho a minha missão ainda prá cumprir com ela, né... Eu não casei, fiquei solteira, quer dizer, a obrigação é minha, né...".

Dona Bianca entende que lazer "...é passear, é estar em conjunto com muitas pessoas, ter aquele convívio com bastante pessoas, ir a um clube, no clube você conhece bastante pessoas, ir numa viagem (...). Eu não tenho quase lazer. O meu lazer é um pouco de televisão, que eu já estou enjoada de televisão. Mas eu gosto de ficar quietinha num canto, de domingo, sai todo mundo e só fica nós dois (...) pego um livro para ler, vou ler qualquer coisa, jornal, livros, ou mesmo deito prá descansar...". Passeios a teatros, cinemas também estão presentes no ideário de lazer de dona Bianca, embora diferencie esse tipo de lazer de sua própria vivência: aos domingos visita as amigas e a irmã, "mas sair prá diversão eu não tenho, fora viagem eu não tenho diversão nenhuma".

De acordo com dona Rosalina, "lazer é tudo o que você possa ter... sei lá, diversão. Eu entendo mas eu nem sei te explicar, viu? É distração, diversão...". Sexagenária, como gosta de ser chamada, aproveita as sessões livres de cinema durante a semana a teatro "quando vem peça boa". Situa a condição financeira como o principal obstáculo para a vivência de mais atividades

de lazer, como viagens. "Viagem raramente, só fim de semana na chácara dela (da amiga), na chácara da minha filha em Sousas. É isso o que eu gosto de fazer, eu adoro, eu adoro família, né. Então eu me sinto muito bem no meio da família, no meio dos amigos". Do significado do lazer em sua vida, declara: "...eu me realizo completamente com isso que eu faço, sabe? Com as minhas filhas, com as minhas amigas, eu me realizo, eu acho que... é claro que se eu tivesse dinheiro eu gostaria de ir para Itália, eu tenho um sonho de ir para a Itália e fazer umas viagens. Mas eu me realizo através disso que eu faço!".

Para sr. João, lazer também quer dizer diversão, no entanto, está ligado a um aspecto fortemente presente em sua vida: a doença (chagas). "Ah, o lazer, acho que é o dia que a gente tá sem dor nenhuma, né, e... eu acho que o maior lazer é estar sem dor (...). Porque o dia que tem dor, podia estar no lazer por melhor que fosse, não era bom, não. Então eu preferia o lazer sem dor". Questões de saúde se apresentam como barreiras para a vivência do lazer de sr. João, poderia dizer assumindo um significado existencial em sua vida: "É, eu quando estou sem dor, eu estou feliz. Me sinto feliz". Estando com saúde, como diz sr. João, suas atividades de lazer preferidas tornam-se possíveis de serem realizadas. "Hoje em dia, a gente planeja eu mais minha mulher: 'vamos em tal lugar, vamos sair para passear, vamos

passar uns dias?' (...) Em casa nós gostamos de sair passear mais prá longe, conhecer lugar que a gente nunca foi, é... isso aí é o que eu gosto. Eu me sinto feliz quando estou com saúde". Descreve outras atividades consideradas integrantes de seu lazer: "talvez eu goste de brincar muito de jogar dama, né. Então ali na Casa de Saúde de Campinas, então lá no jardim, eles jogam dama todo dia lá. Tem dez mesas lá, então sempre vou lá". Com olhos brilhantes, sr. João revela sua atividade de maior gosto. "Eu tenho um terreno, então eu fiz uma horta, então lá é a minha distração. Eu plantei, eu tenho jiló, e... quiabo, pimenta, vagem, feijão-catador, mandioca, então eu vou prá lá e fico no meio da horta. Porque eu me sinto feliz estar no meio da terra. Estando na terra prá mim está bom".

Já sr. Carlos enfatiza: "lazer é fazer tudo o que você gosta! (...) Você se liberta de muitas coisas, você não pensa, sempre pensa naquilo que você está fazendo. Se estou jogando bola, estou jogando bola e não tem mais nada, não penso em mais nada, só penso em jogar bola. Vou andar de bicicleta, ando de bicicleta. Saio de casa, vou andando. Eu não me prendo, nem em pensamentos nem em atitudes".

Esse último conceito expresso na fala de sr. Carlos encerra uma pluralidade de opções e atividades. Uma dimensão ampliada de lazer em que qualquer coisa pode ser considerada atividade de lazer.

A realização de uma atividade que poderia ser de trabalho para um, pode ser encarada como lazer para outro. Dona Francisca também é aposentada e declara: "eu acho que lazer é fazer tudo o que você gosta, mesmo que você esteja trabalhando, ganhando, mas você está fazendo uma coisa que você gosta, então isso é um lazer. Como no meu caso, eu sou voluntária, adoro fazer o que eu faço, prá mim isso é um lazer na minha vida. Prá mim, eu detesto cozinhar, se for prá ir no fogão e fazer comida, isso não é nem um pingo de lazer, é uma tortura. Cada um tem o seu, e tudo o que você faz, se faz com gosto naquilo que está fazendo, eu acho que é lazer".

Redefinindo o lazer na aposentadoria

Nesse momento, faz-se necessário "dialogar" com a teoria do lazer e aposentadoria. Os sujeitos dessa pesquisa estabeleceram os seus conceitos e significados do lazer e, o que dizem alguns autores a respeito do tema?

Joffre Dumazedier, na obra "A revolução cultural do tempo livre", dedica um capítulo na discussão do lazer após a idade do trabalho¹²⁶. Considera o lazer dominando efetivamente a relação dos aposentados com o tempo. Segundo o autor,

¹²⁶Joffre DUMAZEDIER, *Após a idade do trabalho: nostalgia do trabalho? Atividades da população chamada "inativa"*. pp. 121-149.

"o que domina de forma esmagadora este tempo livre da aposentadoria, como o período precedente, é um conjunto de atividades que cada qual escolhe para si próprio, para seu descanso, sua distração ou seu aperfeiçoamento em atividades corporais, manuais, artísticas, intelectuais e/ou sociais"¹²⁷.

Em relação à aposentadoria enquanto retirada do mundo do trabalho e conseqüente aumento do tempo de não trabalho, Dumazedier questiona:

"que fazer desse tempo disponível quase dobrado em relação ao tempo de que cada um dispunha em média antes da aposentadoria?"¹²⁸.

O preenchimento das horas anteriormente ocupadas pela atividade do trabalho torna-se um desafio na visão do autor, uma vez que

"...é aí que se colocam os problemas mais importantes do tédio e do isolamento ou da 'aposentadoria feliz', e isto em todos os níveis de pobreza, de

¹²⁷idem, p. 133.

¹²⁸ibidem, p. 128.

saúde ou de participação familiar, sem exceção"¹²⁹.

Assim, o lazer, em face da aposentadoria, passa a assumir um sentido existencial na vida de homens e mulheres aposentados, pois, segundo o autor,

"mais do que para o trabalhador, o lazer para o aposentado tem um sentido profundo, do qual depende freqüentemente seu estado de satisfação pessoal, seu estado de saúde geral, sua inserção social. Repitamos, não é somente um tempo residual, mas também um tempo existencial que, mais que os outros, pode, de fato, ter um valor estruturador dos outros tempos sociais"¹³⁰.

Nessa mesma perspectiva, Salgado situa o lazer na aposentadoria

"como ocupação, representando a oportunidade de preenchimento satisfatório do tempo livre, com resultados positivos para o próprio equilíbrio individual"¹³¹.

¹²⁹ibidem, p. 123.

¹³⁰ibidem, p. 131.

¹³¹Marcelo Antônio SALGADO, op. cit, p. 60.

Quanto ao significado do lazer na vida de aposentados, o autor considera, tal como Dumazedier, que

"pelas condições de vida, pela precariedade do que resta em termos funcionais, o lazer assume para os idosos uma significação existencial(...). A ocupação do tempo livre com práticas de lazer deve ser um elemento de profundas reflexões a todos aqueles que trabalham para a melhoria das condições de vida da população idosa"¹³².

Salgado ainda considera pobre o lazer em idades mais avançadas, justificando-se como reflexo da desvalorização social dos idosos e da desigualdade do sistema de lazer, segundo ele, voltado quase totalmente para o segmento populacional mais jovem¹³³.

Outro estudioso do lazer, Stanley Parker, o relaciona a determinados aspectos da vida do idoso, tais como saúde e mobilidade.

"Um uso satisfatório do lazer não pode substituir a falta de saúde, a perda da família e dos amigos

¹³²idem, p. 68.

¹³³ibidem, pp. 66-67.

ou uma pensão insuficiente. Nem pode tampouco ocupar o lugar da sensação de utilidade e propósito na vida, provavelmente a maior necessidade dos idosos. Para aqueles que gozam de boa saúde e são capazes de se locomover com liberdade, a aposentadoria pode trazer novas oportunidades e mais tempo para se ocuparem de uma grande variedade de interesses"¹³⁴.

Segundo esse autor, as pessoas aposentadas "...enfrentam o problema do que fazer com todo o tempo de que dispõem"¹³⁵.

Nesse instante, interessa abrir uma discussão a respeito de alguns elementos presentes nos discursos apresentados pelos estudiosos do lazer com referência aos idosos aposentados.

Primeiramente, quanto à questão do aumento de tempo devido à saída das atividades de trabalho acarretar um grande aumento na vivência de atividades de lazer. De certa forma isso ocorre, isto é, há um aumento no tempo de não trabalho. Mas não percebo ser o lazer o norteador das demais esferas da vida dos sujeitos, como coloca

¹³⁴Stanley PARKER, *A sociologia do lazer*, p. 71.

¹³⁵idem, p. 72.

Dumazedier. Se o lazer é considerado como diversão para grande parte dos entrevistados, nem todas as atividades de suas vidas são consideradas como tal. Além disso, a esfera do trabalho formal é de certa forma substituída pelo trabalho informal, considerado aqui como trabalho doméstico (tanto homens como mulheres), como no caso de dona Bianca, dona Janice, sr. Carlos; cuidar de netos, atividade tão presente na vida de dona Bianca; a prestação voluntária de serviços, como sr. Franciso e dona Ângela, a qual considera como trabalho o seu apoio voluntário aos idosos do lar São Vicente de Paula. Isso sem deixar de considerar o retorno ao trabalho formal devido à necessidade de recursos financeiros adequados à sobrevivência, fato ocorrido com dona Janice e dona Rosalina.

Outro elemento sobre o lazer das pessoas aposentadas destaca a falta de qualidade em decorrência dos equipamentos de lazer serem voltados ao público jovem. Em primeiro lugar, esta forma de pensar está aliada à concepção de lazer como consumo de bens inacessíveis à população idosa. Este fator reflete nas falas dos sujeitos na medida em que entendem o lazer como algo acontecendo nos limites da indústria cultural. Assim, só acontece lazer quando se consome teatro, cinema, "shopping center" ou mesmo turismo. Dona Ana Maria é um exemplo dessa situação. Segundo, é necessário relativizar essa posição, uma vez que atualmente

presenciamos uma explosão de oportunidades de lazer para o público da chamada "terceira idade": academias, escolas de línguas, projetos municipais, turismo, dentre outros, sem contar o aumento considerável de clubes e associações de idosos em todo o país. Restando acrescentar o fato de que nem todos terão os mesmos acessos a essas oportunidades.

Outro aspecto a ser destacado, também em relação ao tempo da aposentadoria, é a intensa preocupação com a ocupação do mesmo. A pergunta é sempre a mesma: o que fazer com o tempo desocupado do aposentado? Questão que, ao meu ver, norteia as propostas de lazer expressas nos anteprojetos dos Departamentos Social e Turismo da AACR. Daí retomo o assunto levantado no terceiro capítulo: por que "dentro do ônibus **deverá** haver atividades que possam entreter os passageiros durante a viagem"¹³⁶? O que está por trás desse discurso? Os conceitos de lazer apresentados pelos autores supõem exatamente a ocupação deste tempo, como se a não ocupação do mesmo representasse algo negativo e contrário à própria natureza humana.

Reiterando a ótica do sistema capitalista, em que o tempo deve ser consumido, colocado em uso, justificado produtivamente, o tempo do lazer aparece com essa mesma conotação. "Não fazer nada", ou "ficar à toa", significa perda de tempo, fato abominado na sociedade em que

¹³⁶AACR, Anteprojeto do Departamento de Turismo (grifo meu).

vivemos. Isso lembra-me o depoimento de uma professora da Universidade Federal de Uberlândia, recém aposentada. Dizia estar vivendo a fase do "já que...", pois amigos e parentes assim se referiam a ela: "já que você está aposentada, pode comprar tal coisa?", "já que você está aposentada, pode fazer tal coisa para mim?".

Thompson chama a atenção para a capacidade de inovação dos homens quanto ao consumo do tempo, apontando a possibilidade deste vir a ser fundamentado nos interesses humanos.

"A cultura tem de aprovar um modo de passar o tempo que não tenha apenas o lucro em vista"¹³⁷.

O autor propõe o que eu gostaria de deixar como reflexão para se pensar lazer nos tempos atuais, bem como lazer em estreita relação com a aposentadoria:

"mas se a noção de tempo útil se tornar menos compulsiva, os homens terão de voltar a aprender algo da arte de viver que perderam com a Revolução Industrial: o modo de preencher os interstícios dos seus dias com relações pessoais e sociais mais ricas, mais repousantes: o modo de quebrar uma vez mais as

¹³⁷Edward Palmer THOMPSON, op. cit, p. 83.

barreiras entre trabalho e vida
pessoal"¹³⁸.

¹³⁸idem, p. 82.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Final da Trilha?

*"Completou-se uma jornada.
Chegar é cair na inércia
de um ponto final.
Na euforia da chegada,
há um convite irrecusável
para uma nova partida"*

Helena Kolody –“CONVITE”

Na busca da compreensão da relação lazer e aposentadoria, vejo-me ainda repleta de perguntas e inquietações, levando-me a refletir sobre a importância deste tema em minha vida. Tema que não se esgota nessa pesquisa. Tema que ainda estará presente em outros momentos, outras investigações. Compreender a relação lazer e aposentadoria não é tarefa para apenas uma pesquisa acadêmica, pode representar tarefa para toda uma vida.

No entanto, creio ter encontrado elementos fundamentais para o entendimento dessa relação. Elementos que representam respostas à questões levantadas e elementos dos quais emergem novas questões.

Buscar o entendimento da relação lazer e aposentadoria implicou em resgatar na experiência dos sujeitos aposentados, o que eles mesmos entendem por

lazer e aposentadoria. Como concebem e vivenciam essas esferas de suas vidas.

Como entender tais temas se não entender o significado do que considero ser anterior a essa discussão: a velhice?

O que é ser velho? Como é viver a velhice? Essas questões não podem sequer ser enunciadas se não se considerar a pluralidade de respostas advindas delas. Também não se pode deixar de considerar a realidade dura e cruel a que passam milhões de velhos numa sociedade como a nossa.

Velhos aposentados. O que significa aposentadoria? Aposentadoria-proventos, aposentadoria-dificuldades, aposentadoria-novas oportunidades, aposentadoria-novo tempo, aposentadoria-nova fase, aposentadoria-lazer.

Lazer... O que representa esse vocábulo na vida dos sujeitos dessa pesquisa? Pude observar que a **palavra** talvez não tenha tanto significado: é geradora de dúvidas e feições de desentendimentos quando eu perguntava aos aposentados. "*Eu entendo mas nem sei te explicar, viu?*". No entanto a ação no **lazer** assume uma pluralidade de significados na vida dos sujeitos. Observei também que essa palavra pode gerar repercussões e até mal-entendidos inserida em propostas de atuação na área do lazer, como é o caso da AACR.

Ao tratar da questão do lazer na aposentadoria, tentei não me prender em conceitos formulados

teoricamente, muitas vezes não calcados na prática ou, no caso, não baseados na realidade vivida por aposentados. Tentei não partir de um pré-conceito de lazer na aposentadoria, mas buscar na experiência própria de sujeitos concretos, através de suas falas e da observação de suas atitudes a concepção e o significado do lazer em suas vidas.

Compreender a relação lazer e aposentadoria é compreender os significados dessas duas esferas na vida dos sujeitos. Assim talvez seja melhor falar "relações entre lazer e aposentadoria". Dessa forma, não se pode estipular um único sentido na explicação dessas relações. Os mediadores destas relações - os significados - são "plurais", embora "singulares" nas vidas dos sujeitos. *"É gostoso!"*. *"É uma coisa muito boa"*. *"Eu me realizo"*. Como condensar sensações como essas em um conceito?

Muitas vezes pensamos que os idosos não têm acesso ao lazer, mas pergunto: que tipo de lazer? Talvez não tenham acesso à determinadas atividades por nós estipuladas como lazer. Talvez não tenham acesso a determinados bens da indústria cultural que requerem certa condição social para serem consumidos.

Daí repensar o lazer na aposentadoria. Repensar o significado do lazer na aposentadoria, como também na vida como um todo. Para além da mera ocupação do tempo "desocupado", da necessidade de "fazer pelo fazer" ou da

sensação de utilidade em decorrência da "inutilidade" da aposentadoria. Pensar o lazer permeado pela noção do **fazer em si**, numa ótica contrária à exposta acima. "*Não me prendo, nem em pensamentos, nem em atitudes*" (Sr. Carlos). Além da associação mecânica do lazer ao consumo - embora caminhando paralelamente, mas repensar esse consumo, como propõe Arantes, enquanto

"...mediação dinâmica (mutável e modificadora), através das coisas, de relações polissêmicas entre pessoas"¹³⁹.

Os velhos aposentados têm acesso ao lazer e à formas de consumo: consomem o turismo oferecido a preços mais baixos por instituições como a AACR, jogam bingo, damas, vão ao cinema, ao teatro, divertem-se, distraem-se, enfim exercem uma infinidade de experiências na esfera do lazer, e se realizam em reuniões de família, ou trabalhando a terra em hortas. Esses sujeitos constróem seus próprios lazeres, os definem e redefinem de acordo às suas necessidades, condições e aos seus significados. Os velhos aposentados vivenciam o lazer, mas é necessário que nos desnudemos de pré-conceitos em relação a esses lazeres por eles vivenciados, não numa perspectiva de aceitação passiva do que é simples, mas na compreensão de que, às vezes é no simples (aos nossos

¹³⁹ *Antônio Augusto ARANTES, Consumo e entretenimento: hipóteses para uma antropologia do tempo livre*, p. 17. Segundo esse autor, o lazer como acesso (social), aquisição (material) e uso (prático e simbólico) é diferenciado no contexto de sistemas de relações sociais.

olhos) onde reside a realização de uma vida quase totalmente dedicada ao trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Pedro de. Sociologia da viagem: o cotidiano e seus inter-trajectos. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 37, jun. 1993.

ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS de CAMPINAS e REGIÃO. Estatutos.

_____. Boletins A voz do aposentado.

BARROS, Myriam Lins Moraes de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. Perspectivas Antropológicas da Mulher. v.2. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 2.ed. São Paulo: T.A. Queirós: Editora da USP, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Participar-pesquisar. In: _____. (Org.). Repensando a pesquisa participante. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer, trabalho e tempo: uma discussão a partir de Thompson e De Grazia. in: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4. 1996. Belo Horizonte. Coletânea. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996.

CAMARGO, Antônio B. M., SAAD, Paulo Murad. A transição demográfica no Brasil e seu impacto na estrutura etária da população. In: Fundação SEADE, O idoso na

grande São Paulo. São Paulo: Fundação SEADE, 1990 (coleção realidade paulista).

CASTRO, Lúcia Rabelo de. Revendo a noção de progresso: um estudo crítico da senescência. Gerontologia. v.1, n.4, p.149-152, 1993.

COHN, Amélia. Previdência social e processo político no Brasil. São Paulo: Ed. Moderna, 1980.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representação da velhice. Ciência hoje. v.8, n.44, 1988.

_____. O discurso gerontológico e as novas imagens do envelhecimento (mimeo).

_____. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. Antropologia e Velhice. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1994 (textos didáticos).

_____., SIMÕES, Júlio Assis. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. Antropologia e Velhice. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1994 (textos didáticos).

DUMAZEDIER, Joffre. Após a idade do trabalho: nostalgia do trabalho? Atividades da população chamada "inativa" In _____. A revolução Cultural do tempo livre. Trad. De L.O L. Camargo e M. Ansarah, S.P/SESC/Nobel/1994.

DURHAN, Eunice Ribeiro. A dinâmica cultural na sociedade moderna In Ensaio de opinião 2+2. Rio de Janeiro/Inúbia, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento.

Antropologia e Velhice. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1994
(textos didáticos).

GOFFMAN, Erwin. Estigma: notas sobre a manipulação da
identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara
Koogan, 1988.

GOMES, Frederico Alberto de Azevedo. História da SBGG.
Gerontologia, v.1, n.1, p.31-32, 1993.

GUERRERO, Patrícia. A universidade para a terceira idade
da Puccamp e a experiência do envelhecimento.
Campinas, 1993. 68p. Monografia (Graduação).
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP,
1993.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. A ideologia da velhice. São
Paulo: Cortez, 1986.

_____. O direito à velhice: os aposentados e a
previdência social. São Paulo: Cortez, 1993.

HÔTE, Jean-Michel. Brasil, uma política para a velhice,
já. Rio de Janeiro: Brascores, 1988.

LADISLAU, Lília. Trabalho social com idosos: lazer e
participação social. Campinas, 1992. Monografia
(Especialização). Faculdade de Educação Física,
UNICAMP, 1992.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. A invenção social da
velhice. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MACEDO, Carmem Cinira de Andrade, FIGUEIREDO, Luis
Cláudio Mendonça. Domingo na praia: a dimensão

- simbólica do lazer popular. Reflexão. Campinas, n. 35, maio/ago, 1986.
- MALLOY, James M. Política de previdência social no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- MARIN, Elizara Carolina. O lúdico na vida: colonas deVale Vêneto. Campinas, 1996. 148p. Dissertação. Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1996.
- MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, Evolução histórica da previdência social. Brasília, 1994.
- NERI, Anita Liberalesso. Envelhecer num país de jovens. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991.
- OLIVEIRA, Jaime A de Araújo & TEIXEIRA, Sônia M. Fleury. (Im)previdência social: 60 anos de história da previdência no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. Turismo: atividade cultural de lazer. Boletim de Intercâmbio, Rio de Janeiro, v.4, n.13, jan/mar, 1983.
- PARKER, Stanley. A sociologia do lazer. Trad. de Heloisa T. Gomes. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PRATA, Lizete Emília. Os programas especificamente destinados à população idosa. In: Fundação SEADE. O idoso na grande São Paulo. São Paulo: Fundação SEADE, 1990 (coleção realidade paulista).
- RAMOS, Luis Roberto. A explosão demográfica da terceira idade no Brasil. Gerontologia, v.1, n.1, p.3-8, 1993.

REVISTA - "Veja". A revolução dos velhos. 17/abril/1996.

SALGADO, Marcelo Antônio. Velhice, uma nova questão social. São Paulo: SESC, 1982.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Velho, quem é este sujeito? Onde é o seu lugar? Revista Catarinense de História, Florianópolis, v.2, 1994.

SIMÕES, Júlio Assis. A previdência social e o recente movimento de aposentados e pensionistas (mimeo).

THOMPSON, Eduard Palmer. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial In SILVA, Tomaz Tadeu (org.) Trabalho, Educação e prática Social. Porto Alegre, Artes médicas, 1991.

WRIGHT MILLS, C. Do artesanato cultural. In: _____, A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

ANEXO

Viagens promovidas pelo Departamento de Turismo

1993

JANEIRO: Poços de Caldas

FEVEREIRO: Ibitinga

Campos do Jordão

MARÇO: Cachoeira de Emas

ABRIL: Pocinhos do Rio Verde

MAIO: São Paulo

Monte Sião e Jacutinga

JUNHO: Barra Bonita

JULHO: Cidades históricas de Minas Gerais

AGOSTO: Monte Alegre do Sul

Serra Negra

Campos do Jordão

SETEMBRO: Holambra

Pocinhos do Rio Verde

OUTUBRO: Águas de Santa Bárbara

NOVEMBRO: Poços de Caldas

DEZEMBRO: Aparecida do Norte

1994

JANEIRO: Pedreira e Serra Negra
FEVEREIRO: Cachoeira de Emas
MARÇO: Barra Bonita
ABRIL: Campos do Jordão
MAIO: Pocinhos do Rio Verde
Monte Sião
JUNHO: Jacutinga
Ibitinga
JULHO: São Paulo
Águas de São Pedro
AGOSTO: Termópolis
Monte Alegre do Sul e Serra Negra
SETEMBRO: Barra Bonita
Holambra
OUTUBRO: Águas de Santa Bárbara
NOVEMBRO: Pocinhos do Rio Verde
DEZEMBRO: Aparecida do Norte

1995

FEVEREIRO: Barra Bonita
MARÇO: Caldas Novas
MAIO: Pocinhos do Rio Verde
JUNHO: Cachoeira de Emas
JULHO: Santa Catarina
AGOSTO: Monte Alegre do Sul
Caxambú
SETEMBRO: Holambra
OUTUBRO: Águas de Santa Bárbara
NOVEMBRO: Caldas Novas
DEZEMBRO: Aparecida do Norte